

agosto 2013

debates en movimiento

contrapunto

> especial brasil



Revista Contrapunto es una publicación del
Centro de Formación Popular del Oeste de Montevideo
Comisión Sectorial de Extensión y Actividades en el Medio.
Universidad de la República, Uruguay.
Brandzen 1956, P2. Montevideo, Uruguay.
+559824090286



Editores:

Diego Castro
Lucía Elizalde
Mariana Menéndez
Carlos Santos
María Noel Sosa
Raúl Zibechi

Diseño:

Nicolás Medina

Agosto, 2013.



contrapunto

> especial brasil

ÍNDICE

Sejamos realistas, exijamos ... que se vayan todos ...	
Pela reinvenção da política	
<i>Carlos Walter Porto-Gonçalves y Fernando Luis Monteiro Soares</i>	7
Entrevista con João Pedro Stedile: El significado y las perspectivas de las movilizaciones callejeras en Brasil	
<i>Nilton Viana</i>	11
Uma nova classe trabalhadora	
<i>Marilena Chauí</i>	17
Mobilização reflete nova composição técnica do trabalho imaterial das metrópoles. Entrevista especial com Giuseppe Cocco	
<i>Instituto Humanitas Unisinos</i>	28
Tarifa zero e mobilização popular	
<i>Paulo Arantes</i>	37
O MPL e as manifestações de junho no Brasil	
<i>Adriana Saraiva</i>	42
O Despertar do Gigante – Uma visão por dentro dos protestos brasileiros	
<i>Camila Souza Betoni</i>	50

EDITORIAL

La oleada de manifestaciones que sacudió al Brasil durante el mes de junio, puede estar anunciando el comienzo de una nueva etapa para los movimientos sociales. Desde las movilizaciones para la destitución del ex presidente Fernando Collor de Melo en 1992, no se habían registrado grandes movilizaciones urbanas, conformando un largo período de dos décadas de reflujo y retroceso de la acción colectiva.

Comprender lo que está sucediendo en un país tan decisivo para la región, es tarea urgente para los demás movimientos latinoamericanos. En la formación de sus militantes y en el diseño de sus estrategias, los movimientos no pueden dejar de aprender unos de otros y de intercambiar experiencias para enriquecer la propia actividad. Durante dos décadas, por lo menos, el Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST) se convirtió en referencia obligada para todas y todos los que quieren organizarse para cambiar la vida y luchan por la emancipación. La Escuela Florestan Fernandes, los encuentros y movilizaciones del MST son seguidas por numerosos militantes sociales y académicos uruguayos, quienes a su vez se inspiran en las producciones teóricas de sus pares brasileños.

Tras los sucesos de junio, es la primera vez que ese mismo espectro dirige su atención hacia los movimientos urbanos de Brasil, casi desconocidos para la inmensa mayoría. Con el objetivo de contribuir a conocerlos, *Contrapunto* difunde una pequeña parte de los trabajos que nos han llegado. Hemos optado por ofrecerlos sin traducción para acelerar los tiempos en que puedan llegar a los lectores y porque creemos que es necesario hacer el esfuerzo por comprender portugués, sin lo cual resulta difícil mantener un diálogo fluido con los movimientos brasileños.

Hemos seleccionado siete trabajos. El primero, es un documento escrito en el momento en que se producían las manifestaciones, una provocativa intervención de Carlos Walter Porto Gonçalves y Fernando Luis Monteiro Soares que muestra un apoyo incondicional a la protesta, titulado “Sejamos realistas, exijamos ... que se vayan todos ...Pela reinvenção da política”.

El segundo texto es una entrevista realizada por Nilton Viana, del periódico *Brasil de Fato*, al coordinador del MST, João Pedro Stedile, en la que analiza las razones por las que tanta gente se lanzó a la calle, cuestiona la realidad urbana de las grandes ciudades y las políticas del gobierno federal y de los gobiernos estatales.

En tercer lugar, en el artículo “Uma nova classe trabalhadora” la filósofa Marilena Chauí, integrante del PT, analiza la nueva clase trabajadora y pone en cuestión la idea, ampliamente difundida por los medios y unos cuantos analistas, de que está surgiendo una nueva clase media. Inspirada en los trabajos de Edward P. Thompson sobre la clase obrera inglesa, sostiene que la nueva clase trabajadora es influenciada

en sus comportamientos y valores por las clases medias, lo que constituye un nudo que es necesario desatar.

En la tradición analítica de Antonio Negri, en particular la deriva del libro *Imperio, Giusseppe Cocco*, en la entrevista brindada al Instituto Humanitas Unisinos, enfatiza en la centralidad del trabajo inmaterial para comprender los movimientos.

Recogemos también la intervención “Tarifa zero e mobilização popular” del filósofo y militante del Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Paulo Arantes- quien se define como “un intelectual destructivo”-, en un encuentro organizado por el Movimento Passe Livre (MPL) durante la ola de protestas.

Continúa el artículo “O MPL e as ‘manifestações de junho’ no Brasil”, en el que Adriana Saraiva desde su trabajo etnográfico en el seno del MPL ofrece una minuciosa descripción del movimiento, sus inicios, su intenso trabajo de base desde hace al menos 10 años en diferentes ciudades de Brasil y sus características innovadoras en el escenario político del país.

Finalizamos con “O Despertar do Gigante – Uma visão por dentro dos protestos brasileiros” un trabajo de Camila Souza Betoni, militante del movimiento, quien ofrece la visión desde el interior del colectivo que fue el disparador de los sucesos de junio.

Como se podrá apreciar, los artículos que ofrecemos abren un abanico de interpretaciones y análisis, muestran divergencias y enfocan los sucesos de junio desde paradigmas teóricos diferentes y contradictorios. Nos pareció importante dejar escuchar la voz y las opiniones de los protagonistas junto a la de intelectuales y académicos.

Sejamos realistas, exijamos ... que se vayan todos ... Pela reinvenção da política

Carlos Walter Porto-Gonçalves y Fernando Luis Monteiro Soares

Nas duas últimas semanas o locus do fazer político no Brasil se deslocou para as ruas ultrapassando a institucionalidade. A cena do senador José Sarney saindo pela porta dos fundos do senado quando os ativistas ocuparam o telhado da instituição é emblemática. Ele que foi o primeiro presidente pós-ditadura militar eleito pela via indireta e que ali chegara pela pressão das ruas do movimento das Diretas Já é, agora, flagrado se retirando do senado da república por ativistas que assim sinalizavam a crise de legitimidade do sistema político vigente no país. Afinal, ele era posto prá fora diretamente.

Essa institucionalidade posta em crise nas ruas atinge não somente o parlamento e os executivos, sobretudo os estaduais e municipais muito mais que o governo federal, mas também os meios corporativos de comunicação de massa, sobretudo as grandes redes de televisão que viram seus carros de reportagens queimados em praça pública, casos da rede record e do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), ou que estão tendo que trabalhar nas ruas sem seus logotipos nos carros e microfones, com o é o caso da Rede Globo. Registre-se que essa mídia corporativa saudou a repressão contra o que chamou de "baderneiros" quando das primeiras manifestações contra o aumento das tarifas de ônibus. Só depois que a violenta repressão policial atingiu não só manifestantes, mas também repórteres que cobriam os acontecimentos é que esses meios corporativos de comunicação começaram a cobrir as mobilizações de modo mais direto, mesmo assim demonstrando perplexidade com o que reportavam.

Não devemos menosprezar o pano de fundo de um ano que antecede as eleições presidenciais de 2014 em que os setores conservadores se vêm sem chances, embora comecem a vislumbrar algumas possibilidades em um cenário econômico que não é mais o céu de brigadeiro que viveu Lula da Silva, sobretudo em seu segundo mandato. Todavia, o que se vê no horizonte, ainda que em meio a muita fumaça de gás lacrimogêneo, é que a agenda do sistema político instituído não é a mesma da sociedade quando se observa o conjunto de demandas que emana das ruas. A cena da presidente Dilma Rousseff afirmado que o Brasil saíra mais forte depois do primeiro dia de grandes manifestações nacionais numa cerimônia em que lançava o novo código de mineração só ratifica o quanto a agenda política está fora da agenda das ruas. Afinal, o governo que lançava o novo código de mineração é o mesmo que mantém no congresso projetos de lei que autoriza mineração em área indígena.

E isso no mesmo momento que em que a polícia federal fazia reintegração de posse de uma fazenda que a própria justiça reconhecia como área indígena e que um juiz substituto ignorara e mandava reintegrar a terra ao pretenso proprietário.

Nesse conflito a intervenção policial terminou com a morte de um índio Terena, mais uma entre os 560 indígenas assassinados nos últimos dez anos no país, segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Ainda nesse mesmo momento o governo federal se vira obrigado a receber mais de 150 indígenas que ocupavam o canteiro de obras do mega-projeto hidrelétrico de Belo Monte, depois de várias tentativas frustradas de marcar uma audiência com o gabinete da Presidenta. Acrescente-se, ainda, que esse Brasil agrário e indígena se conecta com o Brasil urbano em vias de modernização com as obras para a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 onde o estado de exceção se impõe contra populações pobres que estão sendo expulsas de suas casas para construção de estádios e toda a infraestrutura demandada por uma das instituições mais corruptas do mundo, como a FIFA. A violência do plano urbanístico que envolve as obras do estádio do Maracanã despreza uma escola pública de qualidade e um parque de esportes aquático e de atletismo ambos frequentados por populações pobres e ainda um museu do índio que se queria um centro intercultural na aldeia Maracanã para fazer, haja insensatez, um estacionamento para automóveis, o que dá conta do vandalismo institucionalizado.

Eis o contexto imediato que antecedeu a convocação pelo Movimento Passe Livre para que a população se manifestasse contra o aumento das tarifas de ônibus. A conexão entre tudo isso só não foi percebida pelo sistema político-midiático que acreditou que iria cobrir a abertura da Copa das Confederações sem nenhum ruído, mesmo depois da violenta repressão da polícia do governo da nova direita de São Paulo, do Sr. Alckmin (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB), contra os manifestantes que se mobilizavam contra o aumento das tarifas. As vaias no estádio talvez sejam um dos melhores catalizadores de toda a insatisfação que já se manifestava fora do estádio Mané Garrincha em Brasília, haja vista os enormes gastos públicos feitos na construção de estádios que serão transferidos para corporações globais pós-Copa e Olimpíadas. A tarifa de ônibus, como disse o filósofo Paulo Arantes, "embora de foco único, é maximalista (...): a meta é a tarifa zero. (...) Pelo tênuo fio da tarifa é todo o sistema que desaba, do valor da força de trabalho a caminho de seu local de exploração à violência da cidade segregada rumo ao colapso ecológico. Simples assim, por isso, fatal, se alcançar seu destinatário na hora social certa ...". É da coisa pública contra os interesses privados que se está tratando em Belo Monte, entre os indígenas terena em Mato Grosso do Sul, na aldeia Maracanã, nas obras da Copa, inclusive em seus detalhes urbanísticos, no novo código de mineração, nos projetos de mineração em área indígena para beneficiar grandes corporações, na não reforma agrária, como denuncia o MST. O Movimento Passe Livre acerta o alvo quando aponta para o caráter privatista que comanda as políticas que deveriam ser de caráter público que ainda são agravadas pelo conluio das empresas de ônibus que financiam campanhas de vereadores

e prefeitos e fazem com que a mobilidade pública se transforme num inferno cotidiano seja pelos congestionamentos monstros, seja pela péssima qualidade com que as empresas transportam cidadãs e cidadãos e trabalhadora/es. Dessa forma não se trata de um fenômeno moral, como os setores conservadores procuram tratar o tema da corrupção, mas de uma estreita ligação do que seria o poder público com os interesses privados onde a corrupção está no cerne da política e, por isso, o “que se vayan todos” está no ar.

A opção política da direção do Partido dos Trabalhadores (PT) com seu “pragmatismo ilimitado” lançou o partido nos braços dos setores mais conservadores em nome de uma governabilidade onde, até mesmo, aliança com o político conhecido entre os mais corruptos do país, como o Sr. Paulo Maluf, fez parte dos cálculos de poder. O país, apesar dos evidentes avanços sociais que experimentou nos últimos anos, não foi capaz de diminuir a gritante desigualdade social que, entre nós, é ainda agravada politicamente por seu caráter étnico-racial. Vários ativistas de favelas do Rio de Janeiro acusam a violência específica que se abateu contra os jovens negros nas manifestações. Aliás, a repressão policial que normalmente se abate contra jovens negros e pobres das periferias de nossas cidades dão conta que a herança militar da ditadura permanece, sobretudo para os mais oprimidos/explorados entre os mais oprimidos/explorados. A desmilitarização das polícias se inscreve como uma das mais importantes reivindicações desse novo ciclo de lutas que se abre no país para que a democracia possa ser, de fato, ligada à sua fonte e destino, qual seja ao demo, ao povo, essa categoria abstrata que todos sabem quem é.

Embora com as especificidades brasileiras, essas manifestações trazem as marcas dos novos movimentos sociais em período de acumulação flexível em luta pelo bem comum. Talvez aqui residam as maiores dificuldades dos movimentos sociais que se forjaram desde os primórdios da revolução industrial e do fordismo, onde as grandes concentrações geográficas de trabalhadores davam um enorme poder à classe operária que com suas greves conseguiam contra-atacar o capital, a burguesia e os gestores. O neoliberalismo com sua acumulação flexível reconfigurou as bases materiais da sua dominação e, assim, “la nueva fábrica es el barrio”, como destacou um ativista argentino quando emergiu o movimento piquetero em finais dos anos 1990 e inícios dos 2000. Agora se param as cidades; se fazem bloqueios de ruas e estradas, como se viu em São Paulo quando as populações das periferias bloquearam as rodovias que dão acesso à cidade. Esses movimentos são herdeiros de outro fazer político que pautaram, na América Latina, outro léxico político como “a vida, a dignidade e o território” e, com isso, reivindicam que haja mais autonomia dos povos e dos cidadãos na gestão da coisa pública, na gestão dos territórios. Assim, além da igualdade, bandeira clássica das esquerdas, acrescentam a dignidade que significa que devem ser reconhecidos como dignos de interlocução e, assim, o político se coloca como condição do social na sua diversidade.

Importa reconhecer que o avanço das possibilidades de uso das tecnologias de comunicação reconfiguram a forma de relação entre os sujeitos políticos, em que precisamos reconhecer a superação, em curso, de uma linearidade autoritária e hierárquica que nos separa entre sujeitos (classe política) e objetos (classes subalternas) dos processos discursivos, de gestão pública e da comunicação de massas, para uma circularidade comunicativa interativa que provoca a emergência de novos sujeitos sociais. Esta circularidade, como condição do fluxo de informações geradas pelos e nos movimentos sociais, nos espaços reais e virtuais, revela e coloca em xeque o anacronismo da 'inteligência' de 'controle/direção' política e a própria presunção de autoridade e dos especialistas dos meios de comunicação corporativa. Esta mudança de paradigma não está inscrita na tecnologia, mas é a resultante de processos de resignificação (hackeamento) destas ferramentas por sujeitos políticos em processo de superação coletiva da sua condição de opressão, que transmutaram o sentido destas redes, de uma perspectiva de interação interindividual para uma de formação, organização, articulação e interação entre coletivos em luta. De forma que, não é a rede que os torna comuns, mas a própria emergência da necessidade da luta como condição de dignidade.

São outros espaço-tempo onde as instituições hierárquicas dos partidos e dos sindicatos, que tanta contribuição trouxe e ainda pode trazer, sobretudo quando se mantém ligados às lutas sociais concretas, já não conseguem dar conta do que está em curso. Eduardo Galeano, que ninguém haverá de negar sua identidade como um intelectual de esquerda, registrou o humor das ruas, entre os indignados de Barcelona, que traziam em um cartaz: "A esquerda? Onde está a esquerda? E a resposta: está ao fundo, à direita". O não-partidarismo que grassa nos manifestações brasileiras não é uma manifestação fascista como alguns tentam caracterizar, embora a hipótese de que venha a ser não deva ser descartada. O Movimento Passe Livre foi claro ao condenar esse espírito se declarando como "um movimento apartidário, mas não anti-partidário" e reconhecendo publicamente que muitos militantes de partidos políticos, sobretudo os de esquerda com pouca expressão eleitoral (Partido da Causa Operária-PCO, Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado-PSSTU e Partido Socialismo e Liberdade-PSOL) estiveram na origem e continuam no movimento. A ausência da UNE – União Nacional dos Estudantes – há muito controlada por partidos de esquerda ligados ao governo, num movimento que recupera uma das bandeiras históricas do movimento estudantil, como a do preço das passagens, e que se caracteriza por ser predominantemente de estudantes, dá mostra da falência das mediações tradicionais, sejam partidárias e/ou sindicais. As manifestações de rua recuperam o sentido da política como coisa pública protagonizada pelo povo e não deixam de sinalizar a falência de um sistema político que não os representa, embora não tenha claro o que colocar no lugar. Esse é o recado que vem das ruas e que exige mais além das manifestações, uma organização que potencialize essa agenda que, como bem disse Paulo Arantes: "A vida no Brasil sem dúvida melhorou, e muito, nestas duas décadas de ajuste ao capitalismo global. No entanto, ninguém aguenta mais". Daí a necessidade de que sejamos realistas e exigirmos ... que se vayan todos ... em busca da reinvenção da política.

Entrevista con João Pedro Stedile: El significado y las perspectivas de las movilizaciones callejeras en Brasil¹

Nilton Viana

Brasil de fato: ¿Como usted analiza las recientes manifestaciones sacudieron a Brasil en las últimas semanas? ¿Cuál es la base económica para que ellas acontezcan?

Joao Pedro Stedile: Hay muchas evaluaciones de por qué están ocurriendo estas manifestaciones. Me sumo al análisis de la profesora Erminia Maricato, que es nuestra mayor especialista en temas urbanos y ya actuó en el Ministerio de las ciudades durante la gestión de Olívio Dutra. Ella defiende la tesis de que hay una crisis urbana instalada en las ciudades brasileñas provocada por esta etapa del capitalismo financiero. Hubo una enorme especulación inmobiliaria que elevó los precios de los alquileres y de los terrenos un 150% en los últimos 3 años. El capital financió sin ningún control gubernamental la venta de automóviles para enviar el dinero para el exterior y transformó nuestro tránsito en un caos. En los últimos diez años no hubo inversión en transporte público. El programa habitacional "Mi casa, mi vida", empujó a los pobres para las periferias, sin condiciones de infraestructura.

Todo eso generó una crisis estructural en la que las personas están viviendo en un infierno en las grandes ciudades, perdiendo tres o cuatro horas por día en el tránsito, cuando podrían estar con la familia, estudiando o teniendo actividades culturales. Sumado a eso, la pésima calidad de los servicios públicos, en especial en la salud e igualmente en la educación, desde la escuela primaria, educación media, en la que los estudiantes salen sin saber hacer una redacción. Y la educación superior se convirtió en tiendas de venta de diplomas a crédito, donde está el 70% de los estudiantes universitarios.

Brasil de fato: Y desde el punto de vista político, ¿por qué pasó?

JPS: Los quince años de neo liberalismo sumado a los últimos diez años de gobierno de conciliación de clases transformó a la política en rehén de los intereses del capital. Los partidos quedaron viejos en sus prácticas y se transformaron en meras siglas que aglutinan, en su mayoría, oportunistas para ascender a cargos públicos o disputar recursos públicos para sus intereses.

1. Esta entrevista fue publicada el 25 de junio de 2013 en www.passapalavra.info. La traducción es de Facundo Ramos.

Toda la juventud nacida después de los gobiernos de derecha, no tuvo oportunidad de participar en política. Hoy, para disputar cualquier cargo, por ejemplo de concejal, el sujeto necesita tener más de un millón de reales, de diputado cuesta alrededor de diez millones. Los capitalistas pagan y después los políticos obedecen. La juventud está harta de esa forma de hacer política burguesa y mercantil.

Pero lo más grave fue que los partidos de la izquierda institucional, todos ellos, se amoldaron a esos métodos. Y por lo tanto generó en la juventud una repulsión a la forma de actuar de los partidos. La juventud no es apolítica, al contrario, tanto lo es que lleva la política a las calles, aun sin tener conciencia de su significado. Pero está diciendo que no aguanta más ver por televisión esas prácticas políticas, que secuestran el voto de las personas, basadas en la mentira y en la manipulación.

Brasil de fato: ¿Y por qué las manifestaciones explotaron solo ahora?

JPS: Probablemente haya sido más producto de la suma de diversos factores de carácter de la psicología de las masas, que de alguna decisión política planificada. Se sumó todo el clima que comenté, además de las denuncias de sobre facturación de las obras de los estadios, que es una provocación al pueblo. Vean algunos casos: la red globo recibió del gobierno del estado de Rio y de la intendencia, 20 millones de reales de dinero público, para organizar el showcito de apenas dos horas del sorteo de los partidos de la copa de las confederaciones. ¡El estadio de Brasilia costo 1400 millones y no hay colectivos en la ciudad! Es la dictadura explícita que la FIFA impuso y todos los gobiernos se sometieron.

La re inauguración del Maracaná fue una bofetada para el pueblo brasiler. Las fotos eran claras, ¡en el mayor templo del fútbol mundial no había ningún negro o mestizo! Y ahí con el aumento de las tarifas de colectivo, fue la gota que rebalsó el vaso. Fue apenas la chispa para encender el sentimiento generalizado de revuelta, de indignación. En buena hora la juventud se puso de pie.

Brasil de fato: ¿Por qué la clase trabajadora todavía no salió a las calles?

JPS: Es verdad, la clase trabajadora todavía no fue para las calles. Quienes están en la calle son los hijos de la clase media, de la clase media baja y también algunos jóvenes de lo que Andre Singer llamaría sub-proletariado, que estudian y trabajan en los sectores de servicios, que mejoraron las condiciones de consumo, pero quieren ser escuchados.

La reducción de la tarifa interesaba mucho a todo el pueblo y ese fue el acierto del Movimiento Passe Livre, supo convocar movilizaciones en nombre de los intereses del pueblo. Y el pueblo apoyo las manifestaciones y esto se expresa en los índices de popularidad de los jóvenes, sobre todo cuando fueron reprimidos.

La clase trabajadora tarda en movilizarse, pero cuando se mueve, afecta directamente al capital. Cosa que todavía no comenzó a pasar.

Creo que las organizaciones que hacen de mediadoras con la clase trabajadora todavía no comprendieron el momento y están un poco tímidas. Pero la clase, como clase, creo que está dispuesta también a luchar. Vea, que el número de huelgas por mejoras salariales ya recuperó los valores promedio de la década del 80. Creo que es apenas una cuestión de tiempo, y si las mediaciones aciertan en las banderas que pueden motivar a la clase a movilizarse.

En los últimos días, ya se percibe que en algunas ciudades menores y en las periferias de las grandes ciudades ya comenzaron a haber manifestaciones con banderas de reivindicaciones bien localizadas. Y eso es muy importante.

Brasil de fato: Y ustedes, del MST y de los campesinos tampoco se movieron todavía...

JPS: Es verdad. En las capitales donde tenemos asentamientos y agricultores familiares más cerca ya estamos participando. E inclusive soy testigo de que fuimos muy bien recibidos con nuestra bandera roja y con nuestra reivindicación de reforma agraria y alimentos saludables y baratos para todo el pueblo. Creo que en las próximas semanas podrá haber una adhesión mayor, inclusive realizando manifestaciones de los campesinos en las rutas y municipios del interior. Dentro de nuestra militancia está todo el mundo loco para entrar en la pelea y movilizarse. Espero que también se muevan rápidamente...

Brasil de fato: ¿Cuál es, en su opinión, el origen de la violencia que aconteció en algunas manifestaciones?

JPS: Primero vamos a relativizar, la burguesía a través de sus televisoras ha usado la táctica de asustar al pueblo colocando solo la propaganda de los alborotadores y rompelotodo. Son minoritarios e insignificantes delante de las miles de personas que se movilizaron. A la derecha le interesa colocar en el imaginario de la población que esto es solo desorden, y al final si hay caos, colocar la culpa en el gobierno y exigir la presencia de las fuerzas armadas. Espero que el gobierno no cometa esa bestialidad de llamar a la guardia nacional y a las fuerzas armadas para reprimir a las manifestaciones. Es todo lo que la derecha sueña!

Lo que está provocando las escenas de violencia es la forma de intervención de la policía militar. Son grupos derechistas organizados con orientaciones de hacer provocaciones y saqueos. En São Paulo actuaron grupos fascistas. En Rio de Janeiro actuaron las milicias organizadas que protegen sus políticos conservadores. Es claro, hay también un sustrato de lumpenismo que aparece en cualquier movilización popular, sea en los estadios, carnaval, hasta en las fiestas de la iglesia, intentando sacar sus provechos.

Brasil de fato: ¿Hay entonces una lucha de clases en las calles o es solo la juventud manifestando su indignación?

JPS: Es claro que hay una lucha de clases en la calle. Si bien todavía concentrada en la disputa ideológica. Y lo que es más grave, la propia juventud movilizada, por su origen de clase, no tiene conciencia de que está participando en una lucha ideológica. Miren, ellos están haciendo política de la mejor forma posible, en las calles. Y ahí escriben en los carteles: somos contra los partidos y la política. Es por eso que han sido tan difundidos los mensajes en los carteles. Está ocurriendo en cada ciudad, en cada manifestación, una disputa ideológica permanente de la lucha de los intereses de clase. Los jóvenes están siendo disputados por las ideas de derecha y por la izquierda. Por los capitalistas y por la clase trabajadora.

Brasil de fato: ¿Cuáles son los objetivos de la derecha y sus propuestas?

JPS: La clase dominante, los capitalistas y sus portavoces ideológicos que aparecen en la televisión todos los días, tienen un gran objetivo: desgastar al máximo al gobierno de Dilma, debilitar las formas organizativas de la clase trabajadora, debilitar las propuestas de cambio estructural en la sociedad brasileña y ganar las elecciones de 2014, para recomponer una hegemonía total en el comando del estado brasileño, que ahora está en disputa.

Para alcanzar esos objetivos ellos todavía están tanteando, alternando sus tácticas. A veces provocan la violencia, para desenfocar los objetivos de la juventud. A veces colocan en las pancartas de los jóvenes sus mensajes. Por ejemplo, en la manifestación del sábado, si bien pequeña, en São Paulo, fue totalmente manipulada por sectores derechistas que pautaron solamente la lucha contra la propuesta de enmienda constitucional 37/2011 (PEC 37), con pancartas iguales... cánticos iguales. Ciertamente la mayoría de los jóvenes ni saben de lo que se trata. Y es un tema secundario para la clase trabajadora, pero la derecha está intentando levantar las banderas de la moralidad, como hizo con la União Democrática Nacional (UDN) en tiempos pasados.

He visto en las redes sociales controladas por las derechas, que sus banderas, además de la PEC 37, son: Salida de Renan del senado; CPI o transparencia de los gastos de la COPA; declarar a la corrupción crimen grave y terminar con los fueros especiales para los políticos. Ya los grupos más fascistas dicen fuera Dilma y abajo firman con las acusaciones. Felizmente esas banderas no tienen nada que ver con las condiciones de vida de las masas, aunque ellas puedan ser manipuladas por los medios de comunicación. Y objetivamente son un tiro en el pie. Al final es la burguesía brasileña, sus empresarios y políticos los que son los mayores corruptos y corruptores. ¿Quién se apropió de los gastos exagerados de la copa? ¡La red globo y las empresas contratistas!

Brasil de fato: ¿Cuáles son los desafíos que están colocados para la clase trabajadora y las organizaciones populares y partidos de izquierda?

JPS: Los desafíos son muchos. Primero debemos tener conciencia de la naturaleza de estas manifestaciones, y salir todos a la calle, disputar corazones y mentes para politizar esa juventud que no tiene experiencia en la lucha de clases. Segundo, la clase trabajadora precisa movilizarse. Salir a la calle, manifestarse en las fábricas, campos y construcciones, como diría Geraldo Vandré. Levantar sus demandas para resolver los problemas concretos de la clase, desde el punto de vista económico y político.

Necesitamos tomar la iniciativa de pautar el debate en la sociedad y exigir la aprobación del proyecto de reducción de la jornada de trabajo para 40 horas; exigir que la prioridad de las inversiones públicas sea en salud, educación, reforma agraria. Pero para esto el gobierno necesita reducir intereses y dislocar los recursos del superávit primario, aquellos 200 mil millones que todos los años van apenas para 20 mil ricos, rentistas, acreedores de una deuda interna que nunca trajimos, dislocarlo para inversiones productivas y sociales.

Aprobar en régimen de urgencia para que entre en vigencia en las próximas elecciones una reforma política de aliento, que mínimamente instituya el financiamiento público exclusivo de la campaña, derecho a la revocación de mandatos y plebiscitos populares auto convocados.

Necesitamos una reforma tributaria que vuelva a cobrar impuestos sobre la comercialización y servicios de las exportaciones primarias y penalice la riqueza de los ricos, y alivie los impuestos de los pobres, que son los que más pagan.

Necesitamos que el gobierno suspenda las subastas del petróleo y todas las concesiones privatizantes de mineras y otras áreas públicas. De nada sirve invertir todos los royalties del petróleo en educación, si los royalties representaran apenas el 8% de la renta petrolera, y los 92% restantes irán para las empresas transnacionales que se van a quedar con el petróleo en las subastas!

Una reforma urbana estructural, que vuelva a priorizar el transporte público, de calidad y con tarifa cero. Ya está comprobado que no es caro, ni difícil instituir transporte gratuito para las masas de las capitales. Y controlar la especulación inmobiliaria.

Y finalmente, necesitamos aprovechar y aprobar el proyecto de la conferencia nacional de la comunicación, ampliamente representativa, de democratización de los medios de comunicación. Para acabar con el monopolio de la globo, y para que el pueblo y sus organizaciones populares tengan amplio acceso a comunicarse, crear sus propios medios de comunicación, con recursos públicos. Escuche de diversos movimientos de la juventud que están articulando las marchas, que tal vez esa sea la única bandera que los unifica a todos: ¡abajo el monopolio de la globo!

Pero para que esas banderas resuenen en la sociedad y presionen al gobierno y los políticos, se tiene que movilizar la clase trabajadora, solamente así esto sucederá.

Brasil de fato: Ustedes desde los movimientos sociales presentaron una carta pidiendo reunión con la presidenta Dilma y ella acepto y respondió por televisión, ¿qué van a llevarle a ella?

JPS: Tengo fe en que esa audiencia acontezca pronto. Y allí ciertamente el conjunto de los movimientos sociales van a enviar a sus jóvenes representantes que estuvieron en las calles, y llevaran la plataforma que describí. Espero que ella tenga la sensibilidad de oír a los jóvenes.

Brasil de fato: ¿Qué es lo que el gobierno debería hacer ahora?

JPS: Espero que el gobierno tenga la sensibilidad y la inteligencia de aprovechar este apoyo, este clamor que viene de las calles, que es solo una síntesis de una conciencia difundida en la sociedad, de que es hora de cambiar. Y de cambiar a favor del pueblo. Y para eso el gobierno necesita enfrentar a la clase dominante, en todos los aspectos. Enfrentar a la burguesía rentista, dislocando el pago de intereses para inversiones en áreas que resuelvan los problemas del pueblo. Promover pronto las reformas políticas, tributarias. Encaminar la aprobación del proyecto de democratización de los medios de comunicación. Crear mecanismos para inversiones pesadas en transporte público, orientados a la tarifa cero. Acelerar la reforma agraria y un plan de producción de alimentos sanos para el mercado interno.

Garantizar pronto la aplicación del 10% del PBI en recursos públicos para la educación en todos los niveles, desde los jardines infantiles en las grandes ciudades, educación primaria de calidad hasta la universalización del acceso de los jóvenes a la universidad pública.

Sin esto, habrá una decepción, y el gobierno entregara para la derecha la iniciativa de las banderas, que llevaran a nuevas manifestaciones, viendo en desgastar al gobierno hasta las elecciones del 2014. Es hora de que el gobierno se alíe al pueblo, o pague las facturas en el futuro.

Brasil de fato: ¿Y qué perspectivas esas movilizaciones pueden traer para el país en los próximos meses?

JPS: Todo es una incógnita todavía. Porque los jóvenes y las masas están en disputa. Por eso es que las fuerzas populares y los partidos de izquierda necesitan colocar todas sus energías, para salir a las calles. Manifestarse, colocar como banderas de lucha las demandas que interesan al pueblo. Porque la derecha va a hacer las mismas cosas y colocar sus banderas, conservadoras, atrasadas, de criminalización y estigmatización de las ideas de cambio social. Estamos en medio de una batalla ideológica, de la cual nadie sabe todavía cuál será el resultado. En cada ciudad, cada manifestación, precisamos disputar corazones y mentes. Y quien se quede afuera, quedara afuera de la historia.

Uma nova classe trabalhadora¹

Marilena Chauí

Surpresas

Alguém que, nos anos 1950 e 1960, conhecesse as terríveis condições de vida e de trabalho das classes populares brasileiras e, naquela época, tivesse viajado por uns tempos pela Europa, seria duplamente surpreendido. Primeira surpresa: veria operários dirigindo pequenos carros (na França, o famoso “dois cavalos” da Renault; na Inglaterra, o “biriba” da Morris; na Itália, o Cinquecento da Fiat), passando as férias com a família (em geral em alguma praia), fazendo compras em lojas de departamento populares (na França, o Prixunic; na Inglaterra, o Woolworths e a C&A), en viando os filhos a creches públicas e, quando maiores, à escola pública de primeiro e segundo graus, às escolas técnicas e mesmo às universidades. Também veria que os trabalhadores tinham direito, assim como suas famílias, a hospitais públicos e medicamentos gratuitos e, evidentemente, possuíam casa própria. Era a Europa do período fordista do capitalismo industrial, portanto da linha de montagem e fabricação em série de produtos cujo custo barateado permitia o consumo de massa. Mas era, sobretudo, a Europa da economia keynesiana, quando as lutas anteriores dos trabalhadores organizados haviam levado à eleição de governantes de centro ou de esquerda e ao surgimento do estado do bem-estar social, no qual uma parte considerável do fundo público era destinada, sob a forma de salário indireto, aos direitos sociais, reivindicados e, agora, conquistados pelas lutas dos trabalhadores.

Segunda surpresa: a diferença profunda entre, por exemplo, a situação dos trabalhadores suecos – desde os salários e direitos sociais até os direitos culturais e a dos espanhóis, portugueses e gregos, ainda submetidos a ditaduras fascistas e forçados a emigrar para o restante da Europa em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Entretanto, não passaria pela cabeça de ninguém dizer que os trabalhadores europeus haviam ascendido à classe média. Curiosamente, é o que se diz hoje dos trabalhadores brasileiros, após dez anos de políticas contrárias ao neoliberalismo.

1. Este texto fue publicado el 2 de julio de 2013 en www.cartamaior.com.br

A catástrofe neoliberal

Diante da classe trabalhadora que descrevemos acima, não foi por acaso, em meados dos anos 1970, quando o déficit fiscal do estado e a estagflação abriram uma crise no capitalismo, que os ideólogos conservadores ofereceram uma suposta explicação para ela: a crise, disseram eles, foi causada pelo poder excessivo dos sindicatos e dos movimentos operários, que pressionaram por aumentos salariais e exigiram o aumento dos encargos sociais do estado. Teriam, dessa maneira, destruído os níveis de lucro requeridos pelas empresas, desencadeado processos inflacionários incontroláveis e pro vocado o aumento colossal da dívida pública.

Feito o diagnóstico, também ofereceram o remédio: um estado forte para quebrar o poder dos sindicatos e movimentos populares, controlar o dinheiro público e cortar drasticamente os encargos sociais e os investimentos na economia, tendo como meta principal a estabilidade monetária por meio da contenção dos gastos sociais e do aumento da taxa de desemprego para formar um exército industrial de reserva que acabasse com o poderio das organizações trabalhadoras. Tratava-se, portanto, de um estado que realizasse uma reforma fiscal para incentivar os investimentos privados, reduzindo os impostos sobre o capital e as fortunas e aumentando os impostos sobre a renda individual e, assim, sobre o trabalho, o consumo e o comércio. Finalmente, um estado que se afastasse da regulação da economia, privatizando as empresas públicas e deixando que o próprio mercado operasse a desregulação, ou, traduzindo em miúdos, a abolição dos investimentos estatais na produção e do controle estatal sobre o fluxo financeiro, a drástica legislação antigreve e o vasto programa de privatização. Pinochet, no Chile, Thatcher, na Grã-Bretanha, e Reagan, nos Estados Unidos, tornaram-se a ponta de lança política desse programa.

Com o encolhimento do espaço público dos direitos e a ampliação do espaço privado dos interesses de mercado, nascia o neoliberalismo, cujos traços principais podem ser assim resumidos:

1. A desativação do modelo industrial de tipo fordista, baseado no planejamento, na funcionalidade e no longo prazo do trabalho industrial, com a centralização e verticalização das plantas industriais, grandes linhas de montagens concentradas num único espaço, formação de grandes estoques orientados pelas ideias de qualidade e durabilidade dos produtos, e numa política salarial articulada ao estado (o salário direto articulado ao salário indireto, isto é, aos benefícios sociais assegurados pelo estado). Em contrapartida, no neoliberalismo, a produção opera por fragmentação e dispersão de todas as esferas e etapas do trabalho produtivo, com a compra e venda de serviços no mundo inteiro, isto é, com a terceirização e precarização do trabalho. Desarticulam-se as formas consolidadas de negociação salarial e se desfazem os referenciais que permitiam à classe trabalhadora perceber-se como classe e lutar como classe social, enfraquecendo-se ao se dispersar nas pequenas unidades terceirizadas, de prestação de serviços, no trabalho precarizado e na informalidade, que se espalharam pelo planeta.

Despon ta uma nova classe trabalhadora cuja composição e definição ainda estão longe de ser compreendidas.

2. O desemprego torna-se estrutural, deixando de ser acidental ou expressão de uma crise conjuntural, porque a forma contemporânea do capitalismo, ao contrário de sua forma clássica, não opera por inclusão de toda a sociedade no mercado de trabalho e de consumo, mas por exclusão, que se realiza não só pela introdução ilimitada de tecnologias de automação, mas também pela velocidade da rotatividade da mão de obra, que se torna desqualificada e obsoleta muito rapidamente em decorrência da velocidade das mudanças tecnológicas. Como consequência, tem-se a perda de poder dos sindicatos, das organizações e movimentos populares e o aumento da pobreza absoluta.

3. O deslocamento do poder de decisão do capital industrial para o capital financeiro, que se torna o coração e o centro nervoso do capitalismo, ampliando a desvalorização do trabalho produtivo e privilegiando a mais abstrata e fetichizada das mercadorias, o dinheiro, porém não como mercadoria equivalente para todas as mercadorias, mas como moeda ou expressão monetária da relação entre credores e devedores, provocando, assim, a passagem da economia ao monetarismo. Essa abstração transforma a economia no movimento fantasmagórico das bolsas de valores, dos bancos e financeiras fantasmagórico porque não operam com a materialidade produtiva e sim com signos, sinais e imagens do movimento vertiginoso das moedas.

4. No estado do bem-estar social, a presença do fundo público sob a forma do salário indireto (os direitos econômicos e sociais) desatou o laço que prendia o capital à força de trabalho (ou ao salário direto). Esse laço era o que, tradicionalmente, forçava a inovação técnica pelo capital a ser uma reação ao aumento real de salário e, ao ser desatado, três consequências se impuseram: a) o impulso à inovação tecnológica tornou-se praticamente ilimitado, provocando expansão dos investimentos e agigantamento das forças produtivas cuja liquidez é impressionante, mas cujo lucro não é suficiente para concretizar todas as possibilidades tecnológicas, exigindo o financiamento estatal; b) o desemprego passou a ser estrutural não só pela introdução ilimitada de tecnologias de automação, mas também pela velocidade da rotatividade da mão de obra, que se torna desqualificada e obsoleta muito rapidamente em decorrência da velocidade das mudanças tecnológicas, ampliando a fragmentação da classe trabalhadora e diminuindo o poder de suas organizações; c) o aumento do setor de serviços também se torna estrutural, deixando de ser um suplemento à produção, visto que, agora, sob a designação de tecnociência, a ciência e a tecnologia tornaram-se forças produtivas, deixando de ser mero suporte do capital para se converter em agentes de sua acumulação; com isso, mudou o modo de inserção social do conhecimento científico e técnico, de maneira que cientistas e técnicos se tornaram agentes econômicos diretos. A força e o poder capitalistas encontram-se no monopólio dos conhecimentos e da informação.

5. A transnacionalização da economia reduz a importância da figura do estado nacional como enclave territorial para o capital e dispensa as formas clássicas do imperialismo-colonialismo político-militar, geopolítica de áreas de influência etc., de sorte que o centro econômico, jurídico e político planetário encontra-se no Fundo Monetário Internacional (FMI) e no Banco Mundial (BM), que operam com um único dogma: estabilidade monetária e corte do déficit público.

6. A distinção entre países de Primeiro e terceiro Mundo tende a ser acrescida com a existência, em cada país, de uma divisão entre bolsões de riqueza absoluta e de miséria absoluta, isto é, a polarização de classes surge como polarização entre a opulência absoluta e a indigência absoluta.

A mudança a caminho

Em política, há ações e acontecimentos com força para se tornar simbólicos. É assim que podemos contrapor dois momentos simbólicos que marcaram a política brasileira entre 1990 e 2002: o primeiro nos leva de volta ao “bolo de noiva”, que inaugurou a era Collor; o segundo, à pergunta singela feita pelo recém-eleito presidente da república aos âncoras do Jornal nacional da Rede Globo, na noite de 28 de outubro de 2002.

No final da campanha presidencial de 1989 e na fase de transição entre novembro de 1989 e janeiro de 1990, um fato novo marcou a política brasileira: em primeiro plano, tanto nos discursos como nos debates e na prática, veio a economista Zélia Cardoso de Melo com sua equipe técnica. As decisões fundamentais partiam desse grupo, que se reunia em Brasília num edifício apelidado “bolo de noiva” e de lá vieram medidas econômicas que definiram o governo de Fernando Collor, no qual o discurso político foi suplantado pelo técnico-econômico. Neste, surgia, imperial, uma nova figura: o mercado, cuja fantasmagoria só entraria em pleno funcionamento no período de 1994 a 2002, quando a população brasileira passou a ouvir curiosas expressões, tais como “os mercados estão nervosos, os mercados estão agitados, os mercados se acalmaram, os mercados não aprovaram, como se os mercados fossem alguém!

Na noite de 28 de outubro de 2002, no final do jornal nacional da Rede Globo de televisão, quando os âncoras falavam sobre as cotações das bolsas de valores, do dólar e do real, e sobre a agitação e calmaria dos mercados, o presidente da república eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, que estava sendo entrevistado, perguntou com um sorriso levemente irônico: “Vocês não têm outros assuntos? Cadê a fome, o desemprego, a miséria, a desigualdade social?” Essa indagação singela, unida ao pronunciamento feito algumas horas antes, anunciando a criação da secretaria de emergência social, cuja prioridade era o combate à fome, demarcou simbolicamente o novo campo da política no Brasil: os direitos civis, econômicos e sociais são prioritários e comandam as ações técnico-econômicas, pois a democracia é a única forma política em cujo núcleo está a ideia de direitos, tanto de sua criação pela sociedade, como de sua garantia e

O “bolo de noiva” simbolizou a entrada do país no modelo neoliberal. O pronunciamento e a pergunta do novo presidente da república simbolizaram a decisão de sair desse modelo.

Entre esses dois momentos, intercalam-se os governos de Fernando Henrique Cardoso, que tornaram esse modelo hegemônico ao realizar a chamada reforma e modernização do estado, isto é, a adoção do neoliberalismo como princípio definidor da ação estatal (privatização dos direitos sociais, convertidos em serviços vendidos e comprados no mercado, privatização das empresas públicas, direcionamento do fundo público para o capital financeiro etc.). Para legitimar essa decisão política, foram mobilizadas as duas grandes ideologias contemporâneas: a da competência e a da racionalidade do mercado.

A ideologia da competência afirma que aqueles que possuem determinados conhecimentos têm o direito natural de mandar e comandar os que supostamente são ignorantes, de tal maneira que a divisão social das classes aparece como divisão entre dirigentes competentes e executantes que apenas cumprem ordens. Essa ideologia, dando enorme destaque à figura do técnico competente, tem a peculiaridade de esquecer a essência mesma da democracia, qual seja, a ideia de que os cidadãos têm direito a todas as informações que lhes permitem tomar decisões políticas porque são todos politicamente competentes para opinar e deliberar, e que somente após a tomada de decisão política há de se recorrer aos técnicos, cuja função não é deliberar nem decidir, mas implementar da melhor maneira as decisões políticas tomadas pelos cidadãos e por seus representantes.

Por sua vez, a ideologia neoliberal afirma que o espaço público deve ser encolhido ao mínimo enquanto o espaço privado dos interesses de mercado deve ser alargado, pois considera o mercado portador de racionalidade para o funcionamento da sociedade. Ela se consolidou no Brasil com o discurso da modernização, no qual modernidade significava apenas três coisas: enxugar o estado (entenda-se: redução dos gastos públicos com os direitos sociais), importar tecnologias de ponta e gerir os interesses da finança nacional e internacional.

Essa ideologia propagou-se pela vida cotidiana brasileira, bastando observar o que acontecia nos noticiários dos meios de comunicação. As cotações das bolsas de valores do mundo inteiro, assim como as das moedas, o comportamento do FMI, do Banco Mundial e dos bancos privados passaram para as primeiras páginas dos jornais, para o momento nobre dos noticiários de rádio e televisão, alguns canais chegando mesmo a manter na tela faixas com a variação das cotações das bolsas de valores e das moedas minuto por minuto. A subida ou descida do valor do dólar, do euro e do real, o risco Brasil, as falas dos dirigentes do FMI, do Banco Central norte-americano, dos economistas ingleses, franceses e alemães passaram a ocupar o lugar de honra e, nos noticiários matinais, a exibição cotidiana da abertura do pregão da bolsa de valores em Wall Street assumiu a aparência de uma oração ou de uma missa, rivalizando com o que, no mesmo horário, se passava nas rádios e canais de televisão propriamente religiosos.

Ora, o neoliberalismo não é, de maneira nenhuma, a crença na racionalidade do mercado e o enxugamento do estado, e sim a decisão de cortar o fundo público no polo de financiamento dos bens e serviços públicos (isto é, dos direitos sociais) e maximizar o uso da riqueza pública nos investimentos exigidos pelo capital. A compreensão dessa verdade veio expressar-se na decisão dos eleitores de fazer valer a reivindicação por uma nova forma de gestão do fundo público, na qual a bússola é a defesa dos direitos sociais.

Uma nova classe trabalhadora brasileira

Estudos, pesquisas e análises mostram que houve uma mudança profunda na composição da sociedade brasileira, graças aos programas governamentais de transferência da renda, inclusão social e erradicação da pobreza, à política econômica de garantia do emprego e elevação do salário mínimo, à recuperação de parte dos direitos sociais das classes populares (sobretudo alimentação, saúde, educação e moradia), à articulação entre esses programas e o princípio do desenvolvimento sustentável e aos primeiros passos de uma reforma agrária que permita às populações do campo não recorrer à migração forçada em direção aos centros urbanos.

De modo geral, utilizando a classificação dos institutos de pesquisa de mercado e da sociologia, costuma-se organizar a sociedade numa pirâmide seccionada em classes designadas como A, B, C, D e E, tomando como critério a renda, a propriedade de bens imóveis e móveis, a escolaridade e a ocupação ou profissão. Por esse critério, chegou-se à conclusão de que, entre 2003 e 2011, as classes D e E diminuíram consideravelmente, passando de 96,2 milhões de pessoas a 63,5 milhões; já no topo da pirâmide houve crescimento das classes A e B, que passaram de 13,3 milhões de pessoas a 22,5 milhões. A expansão verdadeiramente espetacular, contudo, ocorreu na classe C, que passou de 65,8 milhões de pessoas a 105,4 milhões. Essa expansão tem levado à afirmação de que cresceu a classe média brasileira, ou melhor, de que teria surgido uma nova classe média no país.

Sabemos, entretanto, que há outra maneira de analisar a divisão social das classes, tomando como critério a forma da propriedade. No modo de produção capitalista, a classe dominante é proprietária privada dos meios sociais de produção (capital produtivo e capital financeiro); a classe trabalhadora, excluída desses meios de produção e neles incluída como força produtiva, é proprietária da força de trabalho, vendida e comprada sob a forma de salário. Marx falava em pequena burguesia para indicar uma classe social que não se situava nos dois polos da divisão social constituinte do modo de produção capitalista. A escolha dessa designação decorria de dois motivos principais em primeiro lugar, para afastar-se da noção inglesa de middle class, que indicava exatamente a burguesia, situada entre a nobreza e a massa trabalhadora; em segundo, para indicar, por um lado, sua proximidade social e ideológica com a burguesia, e não com os trabalhadores, e, por outro, indicar que, embora não fosse proprietária privada

dos meios sociais de produção, poderia ser proprietária privada de bens móveis e imóveis. Numa palavra, encontrava-se fora do núcleo central do capitalismo: não era detentora do capital e dos meios sociais de produção e não era a força de trabalho que produz capital; situava-se nas chamadas profissões liberais, na burocracia estatal (ou nos serviços públicos) e empresarial (ou na administração e gerência), na pequena propriedade fundiária e no pequeno comércio.

É a sociologia, sobretudo a de inspiração estadunidense, que introduz a noção de classe média para designar esse setor socioeconômico, empregando, como dissemos acima, os critérios de renda, escolaridade, profissão e consumo, a pirâmide das classes A, B, C, D e E, e a célebre ideia de mobilidade social para descrever a passagem de um indivíduo de uma classe para outra.

Se abandonarmos a descrição sociológica, se ficarmos com a constituição das classes sociais no modo de produção capitalista (ainda que adotemos a expressão classe média), se considerarmos as pesquisas que mencionamos ao iniciar este texto e os números que elas apresentam relativos à diminuição e ao aumento do contingente nas três classes sociais, poderemos chegar a algumas conclusões:

1. Os projetos e programas de transferência de renda e garantia de direitos sociais (educação, saúde, moradia, alimentação) e econômicos (aumento do salário mínimo, políticas de garantia do emprego, salário-desemprego, reforma agrária, cooperativas da economia solidária etc.) indicam que o que cresceu no Brasil foi a classe trabalhadora, cuja composição é complexa, heterogênea e não se limita aos operários industriais e agrícolas.

2. O critério dos serviços como definidor da classe média não se mantém na forma atual do capitalismo porque a ciência e as técnicas (a chamada tecnociência) se tornaram forças produtivas e os serviços por elas realizados ou delas dependentes estão diretamente articulados à acumulação e reprodução do capital. Em outras palavras, o crescimento de assalariados no setor de serviços não é crescimento da classe média, e sim de uma nova classe trabalhadora heterogênea, definida pelas diferenças de escolaridade e pelas habilidades e competências determinadas pela tecnociência. De fato, no capitalismo industrial, as ciências, ainda que algumas delas fossem financiadas pelo capital, se realizavam, em sua maioria, em pesquisas autônomas cujos resultados poderiam levar a tecnologias aplicadas pelo capital na produção econômica. Essa situação significava que cientistas e técnicos pertenciam à classe média. Hoje, porém, as ciências e as técnicas tornaram-se parte essencial das forças produtivas e por isso cientistas e técnicos passaram da classe média à classe trabalhadora como produtores de bens e serviços articulados à relação entre capital e tecnociência. Dessa maneira, renda, propriedade e escolaridade não são critérios para distinguir entre os membros da classe trabalhadora e os da classe média.

3. O critério da profissão liberal também se tornou problemático para definir a classe média, uma vez que a nova forma do capital levou à formação de empresas de saúde, advocacia, educação, comunicação, alimentação etc., de maneira que seus

componentes se dividem entre proprietários privados e assalariados, e estes devem ser colocados (mesmo que vociferem contra isso) na classe trabalhadora.

4. A figura da pequena propriedade familiar também não é critério para definir a classe média porque a economia neoliberal, ao desmontar o modelo fordista, fragmentar e terceirizar o trabalho produtivo em milhares de microempresas (grande parte delas, familiares) dependentes do capital transnacional, transformou esses pequenos empresários em força produtiva que, juntamente com os prestadores individuais de serviços (seja na condição de trabalhadores precários, seja na condição de trabalhadores informais), é dirigida e dominada pelos oligopólios multinacionais, em suma, os transformou numa parte da nova classe trabalhadora mundial.

Restaram, portanto, as burocracias estatal e empresarial, o serviço público, a pequena propriedade fundiária e o pequeno comércio não filiado às grandes redes de oligopólios transnacionais como espaços para alocar a classe média. No Brasil, esta se beneficiou com as políticas econômicas dos últimos dez anos, também cresceu e prosperou.

Assim, se retornarmos ao exemplo do viajante brasileiro na Europa dos anos 1950 e 1960, diremos que a nova classe trabalhadora brasileira começa, finalmente, a ter acesso aos direitos sociais e a se tornar participante ativa do consumo de massa. Como a tradição autoritária da sociedade brasileira não pode admitir a existência de uma classe trabalhadora que não seja constituída pelos miseráveis deserdados da terra, os pobres desnutridos, analfabetos e incompetentes, imediatamente passou-se a afirmar que surgiu uma nova classe média, pois isso é menos perigoso para a ordem estabelecida do que uma classe trabalhadora protagonista social e política.

Ao mesmo tempo, entretanto, quando dizemos que se trata de uma nova classe trabalhadora consideramos que a novidade não se encontra apenas nos efeitos das políticas sociais e econômicas, mas também nos dois elementos trazidos pelo neoliberalismo, quais sejam, de um lado, a fragmentação, terceirização e precarização do trabalho e, de outro, a incorporação à classe trabalhadora de segmentos sociais que, nas formas anteriores do capitalismo, teriam pertencido à classe média. Dessa nova classe trabalhadora pouco se sabe até o momento.

Classe média: como desatar o nó?

Uma classe social não é um dado fixo, definido apenas pelas determinações econômicas, mas um sujeito social, político, moral e cultural que age, se constitui, interpreta a si mesmo e se transforma por meio da luta de classes. Ela é uma práxis, ou como escreveu E. P. Thompson, um fazer-se histórico. Ora, se é nisso que reside a possibilidade transformadora da classe trabalhadora, é nisso também que reside a possibilidade de ocultamento de seu ser e o risco de sua absorção ideológica pela classe dominante, sendo o primeiro sinal desse risco justamente a difusão de que há uma nova classe média no Brasil. E é também por isso que a classe média coloca uma questão política de enorme relevância.

Estando fora do núcleo econômico definidor do capitalismo, a classe média encontra-se também fora do núcleo do poder político: ela não detém o poder do estado nem o poder social da classe trabalhadora organizada. Isso a coloca numa posição que a define menos por sua posição econômica e muito mais por seu lugar ideológico, e este tende a ser contraditório.

Por sua posição no sistema social, a classe média tende a ser fragmentada, raramente encontrando um interesse comum que a unifique. Todavia, certos setores, como é o caso dos estudantes, dos funcionários públicos, dos intelectuais e de lideranças religiosas, tendem a se organizar e a se opor à classe dominante em nome da justiça social, colocando-se na defesa dos interesses e direitos dos excluídos, dos espoliados, dos oprimidos; numa palavra, tendem para a esquerda e, via de regra, para a extrema esquerda e o voluntarismo. No entanto, essa configuração é contrabalançada por outra exatamente oposta. Fragmentada, perpassada pelo individualismo competitivo, desprovida de um referencial social e econômico sólido e claro, a classe média tende a alimentar o imaginário da ordem e da segurança porque, em decorrência de sua fragmentação e de sua instabilidade, seu imaginário é povoado por um sonho e por um pesadelo: seu sonho é tornar-se parte da classe dominante; seu pesadelo é tornar-se proletária. Para que o sonho se realize e o pesadelo não se concretize, é preciso ordem e segurança. Isso torna a classe média ideologicamente conservadora e reacionária, e seu papel social e político é o de assegurar a hegemonia ideológica da classe dominante, fazendo com que essa ideologia, por intermédio da escola, da religião, dos meios de comunicação, se naturalize e se espalhe pelo todo da sociedade. É sob essa perspectiva que se pode dizer que a classe média é a formadora da opinião social e política conservadora e reacionária.

Cabe ainda particularizar a classe média brasileira, que, além dos traços anteriores, é também determinada pela estrutura autoritária da sociedade brasileira. De fato, conservando as marcas da sociedade colonial escravista, a sociedade brasileira é marcada pelo predomínio do espaço privado sobre o público e, tendo o centro na hierarquia familiar, é fortemente hierarquizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência, e as desigualdades são naturalizadas. As relações entre os que se julgam iguais são de parentesco, isto é, de compaixão; e, entre aqueles que são vistos como desiguais, o relacionamento toma a forma do favor, da clientela, da tutela ou da cooptação, e, quando a desigualdade é muito marcada, assume a forma da opressão. A divisão social das classes é sobre determinada pela polarização entre a carência (das classes populares) e o privilégio (da classe dominante), que é acentuada e reforçada pela adoção da economia neoliberal. Visto que uma carência é sempre particular, ela se distingue do interesse, que pode ser comum, e do direito, que é sempre universal. Visto que o privilégio é sempre particular, não pode unificar-se num interesse comum e jamais

pode transformar-se num direito, pois, nesse caso, deixaria de ser privilégio. Compreende-se, portanto, a dificuldade para instituir no Brasil a democracia, que se define pela criação de novos direitos pela sociedade e sua garantia pelo estado.

Parte constitutiva da sociedade brasileira, a classe média não só incorpora e propaga ideologicamente as formas autoritárias das relações sociais, como também incorpora e propaga a naturalização e valorização positiva da fragmentação e dispersão socioeconômica, trazidas pela economia neoliberal e defendidas ideologicamente pelo estímulo ao individualismo competitivo agressivo e ao sucesso a qualquer preço pela astúcia para operar com os procedimentos do mercado.

Ora, por mais que, no Brasil, as políticas econômicas e sociais tenham avançado em direção à democracia, as condições impostas pela economia neoliberal determinaram, como vimos, a difusão por toda a sociedade da ideologia da competência e da racionalidade do mercado como competição e promessa de sucesso. Uma vez que a nova classe trabalhadora brasileira se constituiu no interior desse momento do capitalismo, marcado pela fragmentação e dispersão do trabalho produtivo, de terceirização, precariedade e informalidade do trabalho, percebido como prestação de serviço de indivíduos independentes que se relacionam com outros indivíduos independentes na esfera do mercado de bens e serviços, ela se torna propensa a aderir ao individualismo competitivo e agressivo difundido pela classe média. Em outras palavras, o ser do social permanece oculto e por isso ela tende a aderir ao modo de aparecer do social como conjunto heterogêneo de indivíduos e interesses particulares em competição. E ela própria tende a acreditar que faz parte de uma nova classe média brasileira. Essa crença é reforçada por sua entrada no consumo de massa.

De fato, do ponto de vista simbólico, a classe média substitui a falta de poder econômico e de poder político, que a definem, seja pela guinada ao voluntarismo de esquerda, seja voltando-se para a direita pela busca do prestígio e dos signos de prestígio, como os diplomas e os títulos vindos das profissões liberais, e pelo consumo de serviços e objetos indicadores de autoridade, riqueza, abundância, ascensão social a casa no bairro nobre com quatro suítes, o carro importado, a roupa de marca etc. Em outras palavras, o consumo lhe aparece como ascensão social em direção à classe dominante e como distância intransponível entre ela e a classe trabalhadora. Esta, por sua vez, ao ter acesso ao consumo de massa tende a tomar esse imaginário por realidade e a aderir a ele.

Se, pelas condições atuais de sua formação, a nova classe trabalhadora brasileira está cercada por todos os lados pelos valores e símbolos neoliberais difundidos pela classe média, como desatar esse nó?

Para finalizar

Se a política democrática corresponde a uma sociedade democrática e se no Brasil a sociedade é autoritária, hierárquica, vertical, oligárquica, polarizada entre a

carência e o privilégio, só será possível dar continuidade a uma política democrática enfrentando essa estrutura social. A ideia de inclusão social não é suficiente para derrubar essa polarização. Esta só pode ser enfrentada se o privilégio for enfrentado e este só será enfrentado por meio de quatro grandes ações políticas: uma reforma tributária que opere sobre a vergonhosa concentração da renda e faça o estado passar da política de transferência de renda para a da distribuição e redistribuição da renda; uma reforma política, que dê uma dimensão republicana às instituições públicas; uma reforma social, que consolide o estado do bem-estar social como política do estado e não apenas como programa de governo; e uma política de cidadania cultural capaz de desmontar o imaginário autoritário, quebrando o monopólio da classe dominante sobre a esfera dos bens simbólicos e sua difusão e conservação por meio da classe média.

Mas a ação do estado só pode ir até esse ponto. A continuidade da construção de uma sociedade democrática só pode ser a práxis da classe trabalhadora e por isso é fundamental que ela própria, como já o fez tantas outras vezes na história e tão claramente no Brasil, nos anos 1980 e 1990, encontre, em meio às adversidades impostas pelo modo de produção capitalista, caminhos novos de organização, crie suas formas de luta e de expressão autônoma, seja o sujeito de seu fazer.

Mobilização reflete nova composição técnica do trabalho imaterial das metrópoles. Entrevista especial com Giuseppe Cocco¹

Instituto Humanitas Unisinos

Instituto Humanitas Unisinos (IHU) – Manifestações sociais massivas descontentes com a política e a economia iniciaram no Oriente, na Espanha, em Wall Street. E agora chegam ao Brasil. Por quê? O que estas manifestações sociais representam?

Giuseppe Cocco – Podemos logo começar dizendo que o que caracteriza essas manifestações é que elas não representam exatamente nada ao passo que, por um tempo mais ou menos longo, elas expressam e constituem tudo. O primeiro elemento é este: elas têm uma dinâmica intempestiva, fogem a qualquer modelo de organização política (não apenas os velhos partidos ou os sindicatos, mas também o terceiro setor, as ONGs) e afirmam uma democracia radical articulada entre as redes e as ruas: autoconvocação e debates nas redes sociais, participação massiva às manifestações de rua, capacidade e determinação de enfrentar a repressão e até capacidade de construção e autogestão de espaços urbanos como foram a Praça Tahrir, as acampadas espanholas e as tentativas do Occupy Wall Street e, enfim, a Praça Taksim em Istambul, na Turquia. Para cada uma dessas ondas e dessas que chamamos de “primaveras” houve um estopim específico, mas todas dispõem de uma mesma base social (por mais diferenciadas que sejam as trajetórias socioeconômicas dos diferentes países) e dos mesmos processos de subjetivação. No caso do Brasil, todo mundo sabe que o estopim foram os protestos contra o aumento do preço das passagens nos transportes públicos. Como foi o caso de outras marchas, a manifestação em São Paulo foi violentamente reprimida pela polícia militar. Só que dessa vez a fáscia não se apagou numa “marcha da liberdade” e incendiou São Paulo e todo o país. Mas saber que o estopim foi esse não nos permite avançar na análise.

Por que agora? É difícil responder e talvez a característica própria desse tipo de movimento é que ninguém sabe propor razões “objetivas” indiscutíveis. Contudo, podemos avançar três explicações: a primeira explicação tem a forma de um segundo “estopim” e é a quase coincidência do episódio da repressão da marcha pelo passe livre em São Paulo com a renovação das primaveras árabes e do 15M espanhol nas lutas duríssimas da multidão turca na Praça Taksim, em Istambul (não por acaso, na segunda manifestação carioca, que já reunia 10 mil pessoas, um dos gritos era: “acabou a mordomia, o Rio vai virar uma Turquia”); uma segunda explicação está no fato que

1. Esta entrevista fue publicada el 25 de junio de 2013 por www.ihu.unisinos.br

esse ciclo de “revoluções 2.0” começa a ter uma duração consistente (de mais de 3 anos) e entrou no imaginário, na linguagem de gerações de jovens que não formam mais suas opiniões na imprensa, mas diretamente nas redes sociais; a terceira explicação é mais consistente e a mais importante e diz respeito ao que são essas “novas gerações” no Brasil de hoje, ou seja, essas gerações de jovens que só conhecem o Brasil de Lula. O que é incrível e até irônico é que o próprio Partido dos Trabalhadores (PT) não tenha previsto isso e ainda hoje seja incapaz de enxergar esse dado importantíssimo.

IHU On-Line – Quais as aproximações e diferenças entre as manifestações brasileiras e as que vêm ocorrendo em outros países?

Giuseppe Cocco – As aproximações são mais importantes do que as diferenças, que apenas enfatizam a qualidade específica de cada evento.

Num primeiro nível, há em comum a articulação entre as redes e as ruas como processo de autoconvocação das marchas e manifestações que ninguém consegue representar, sequer as organizações que se encontraram no cerne da primeira chamada: a tentativa de “empoderar” os rapazes do Movimento pelo Passe Livre em São Paulo (“oficializados” pela presença no Roda Viva e a negociação com prefeitura e estado) mostrou que eles não controlam nem dirigem um movimento que se autorreproduz de maneira rizomática (as manifestações aconteciam ao mesmo tempo sem respeitar qualquer tipo de “trégua”).

Num segundo nível, há em comum o esgotamento da representação política. No Brasil, esse fenômeno foi totalmente subavaliado pela “esquerda” e, sobretudo, pelo PT porque não o entenderam (e não o entendem).

Inicialmente pensaram que fosse um problema das autocracias do Norte da África (Tunísia e Egito); depois que fosse a incapacidade dos socialistas espanhóis (PSOE) de responder de maneira soberana às injunções das agências internacionais de notação ou do Banco Central Europeu. Depois pensaram que o 15M espanhol não consegue encontrar uma nova dinâmica eleitoral ao passo que o partido de Beppe Grillo mostrou na Itália um fenômeno eleitoral totalmente novo e desgovernado.

Em seguida, pensaram que o Egito e a Tunísia foram normalizados eleitoralmente pelo islamismo conservador e aí aparece o levante turco contra o governo islâmico moderado.

No Brasil, o PT e seu governo (e sua coalizão) pensavam estar blindados pelos recentes sucessos eleitorais (a eleição de Haddad, a reeleição quase plebiscitária do Paes, no Rio), por estar num ciclo econômico positivo e por ter achado que o sagrado graal do “novo modelo” econômico seria, na realidade, reeditar o velho nacional-desenvolvimentismo, rebatizado de neodesenvolvimentismo. O que a esquerda como um todo, e o PT no Brasil não entenderam, é que a crise da representação é geral (mesmo que ela tenha sintomas e manifestações diferenciadas), e que os levantes da

multidão no Egito, na Tunísia, na Espanha, na Turquia e agora no Brasil são a expressão, entre outras coisas, de uma recusa radical dessa maneira autorreferencial de pensar por parte dos governos e dos partidos políticos.

Num terceiro nível há a principal proximidade entre todos esses movimentos: a base social dessa produção de subjetividade é o novo tipo de trabalho que caracteriza o capitalismo cognitivo. As redes que protestam e se constituem nas ruas de Madri, Lisboa, Roma, Atenas, Istambul, Nova York e agora de todas as cidades brasileiras são formadas pelo trabalho imaterial: estudantes, universitários, jovens precários, imigrantes, pobres, índios, ou seja a composição heterogênea do trabalho metropolitano. Não por acaso, por um lado, uma de suas formas principais de luta foi a "acampada" ou o "occupy" e, por outro, os levantes turco e brasileiro tiveram como estopim a defesa das formas de vida da multidão do trabalho metropolitano: a defesa do parque contra a especulação imobiliária (a construção de um shopping) em Istambul, e a luta contra o aumento do custo dos transportes, no caso do Brasil.

Diante dessas aproximações, as diferenças são bem menores, embora elas existam (e sejam até óbvias). Podemos apreender essas diferenças do ponto de vista das condições objetivas da cada país e do ponto de vista de como cada um desses movimentos foi transformando (ou não) a fase destituínte em momento constituinte. Assim, o 15M espanhol se apresenta como a experiência que mais conseguiu durar apesar de não ter revertido as políticas econômicas. As revoluções árabes foram normalizadas pelas vitórias eleitorais conservadoras, mas os levantes se tornam endêmicos.

Na Turquia e ainda mais no Brasil, não sabemos – literalmente – o que vai acontecer. É no plano das condições objetivas que encontramos a maior diferença: na Espanha e, em geral, no mediterrâneo as revoluções são marcadas pelos processos de "desclassificação" das classes médias. No Brasil é exatamente o contrário: tudo isso acontece no âmbito e no momento da emergência da "nova classe média". Só que essa nova composição de classe é, na realidade, a nova composição do trabalho metropolitano, lutando pelos parques ou pelos transportes públicos: ascendendo socialmente, os pobres brasileiros se tornam o que as classes médias europeias se tornam, descendo: a nova composição técnica do trabalho imaterial das metrópoles.

IHU On-Line – Além do aumento do preço das passagens, quais são os outros motivos que desencadearam as manifestações?

Giuseppe Cocco – Podemos elencar duas respostas. A primeira é a seguinte: se pensarmos bem, essa pergunta encontra sua resposta numa sua simples reformulação: "por que nas cidades e metrópoles brasileiras não há mais lutas e mais levantes pelo sem número de motivos que a justificariam?"

No Brasil, não faltam razões! Uma vez que "pegou" é só escolher, a lista é infinita. Vou trazer apenas um exemplo, contando uma anedota: um dia fui assistir a

um Fórum da UPP Social (que hoje não existe mais) em duas favelinhas da zona norte, bem precárias. Toda a parafernália dos governos estadual e municipal estava mobilizada, com seus carros de função, para dar sentido à pacificação. Os poucos moradores que falaram colocaram dois problemas essenciais: primeiro, disseram, vivemos no meio do esgoto; segundo, os policiais agem de maneira violenta e arbitrária. As dezenas de secretários e outros servidores presentes não conseguiram dizer nada sobre como seria resolvido esse problema básico do saneamento. Saindo da favelinha, passei por uma centena de adolescentes que ficava sem fazer nada na entrada e, no caminho de volta ao centro do Rio, a 5 minutos de carro, passei na frente de uma obra gigantesca, faraônica: o Maracanã!

A pergunta de cima encontra uma resposta bem igual a que colocava Keynes em 1919: “nem sempre as pessoas aceitam morrer em silêncio”. Havia no Rio de Janeiro e no Brasil (e continua havendo) um sem número de movimentos de protesto e resistência, em particular por causa dos efeitos dos megaeventos, e hoje esses movimentos se juntaram, confluindo com a multidão da nova composição do trabalho metropolitano. No Rio, os manifestantes sempre se juntam para dirigir invectivas pesadas ao governador Sergio Cabral e ao prefeito Eduardo Paes.

Chegamos assim à segunda resposta: o movimento foi mesmo pelos 0,20 centavos! Só que esse “pouco” é na realidade “muito”. Por quê? Porque a questão dos transportes e, mais em geral, dos serviços é estratégica para o trabalho metropolitano. Os operários fordistas lutavam por salários e horários. Os trabalhadores imateriais têm como fábrica a metrópole e lutam pela qualidade de vida da qual dependerá a inserção deles em um trabalho que não é mais um emprego, mas uma “empregabilidade”.

Os operários fordistas lutavam para reduzir a parte do horário que ia embutida como lucro nos carros que produziam; os trabalhadores imateriais nas metrópoles desviam os slogans publicitários de uma montadora (“Vem pra rua”) para ressignificar os agenciamentos produtivos que se desenham na circulação. Os operários fordistas lutavam contra o trabalho. Os trabalhadores imateriais lutam no terreno da produção de subjetividade. É na circulação que a subjetividade se produz e produz valor e renda.

IHU On-Line – Os manifestantes deixam claro que são apartidários, não querem violência e não têm lideranças. Como interpreta esse discurso? Como pensar um novo modelo político a partir dessas características?

Giuseppe Cocco – Com certeza, uma das dimensões constitutivas da revolução 2.0 é a crise da representação e essa é uma questão central. Precisamos lembrar que a antecipação da revolução 2.0 como crítica radical da representação é sul-americana. O “Que se vayan todos” argentino antecipou em 10 anos o “No nos representan” espanhol. Só que as dimensões dessa crise são processadas pelo discurso oficial – ou seja, partidário – de maneira invertida. E essa inversão não é por acaso. Aliás, os últimos desdobramentos do movimento (as agressões contra os partidos de esquerda nas

manifestações do dia 20 de junho) nos mostram muito bem como funciona essa inversão.

Os partidos (sobretudo aqueles que estão no governo) dizem que esses movimentos são limitados porque recusam os partidos, não são “orgânicos”, porque têm uma “ideologia” que os recusa e, portanto, são potencialmente antidemocráticos. Obviamente, isso é correto. Só que, a afirmação correta esconde duas belas falsificações.

A primeira também é óbvia: os “grupos” que rezam por uma crítica fundamentalista da representação têm pouca consistência social e nenhuma capacidade de determinar, sequer influenciar, movimentos desse tamanho.

A segunda falsificação é uma consequência dessa primeira: os partidos atribuem a crise da representação a um processo e a uma crítica que viria de fora, quando na realidade os maiores e únicos responsáveis dessa crise são eles!

E a responsabilidade está na indiferenciação da clivagem direita/esquerda, ou seja, no fato de os governos mudarem e continuarem fazendo as mesmas coisas, inclusive com a reciclagem das mesmas figuras políticas. Assim, o PSOE Espanhol atribuiu ao 15M sua derrota eleitoral, quando na realidade o 15M é apenas a consequência do fato que os socialistas espanhóis faziam a mesma política econômica da direita. É exatamente o que acabou acontecendo no Brasil de Lula e, sobretudo, de Dilma. O movimento que nasceu com a luta contra o aumento recusa as dimensões autoritárias e arrogantes das coalizões e desses consensos que reúnem direita e esquerda na reprodução dos interesses de sempre.

É o Haddad que devia representar o novo e se apresenta junto ao Alckmin para juntos dizerem a mesma coisa: que a redução da tarifa terá um custo (sic!). É a coalizão conservadora que governa o estado e a prefeitura do Rio, e onde o PT planeja e executa remoções de pobres, desrespeitando a própria LOM. São as alianças espúrias com os ruralistas de um ministro de esquerda. É a condução autoritária das megaobras e dos megaeventos. É a entrega da Comissão de Direitos Humanos da Câmara a um fundamentalista que, exatamente no dia seguinte da grande manifestação da segunda-feira, fez votar o projeto de Lei que define a homossexualidade como uma doença.

A esquerda e a incapacidade

A extrema esquerda ou a esquerda radical erram quando pensam que estão “salvas” dessa situação. Os partidos de esquerda são incapazes de entender que esse movimento se forma na recusa – confusa, flutuante, ambígua e até perigosa – do partido, da organização separada, da bandeira. Isso porque a recusa é geral, não faz distinções e funciona como rejeição de qualquer plataforma ideológica preparada e determinada por lógicas de aparelhos separados: nisso há uma percepção de que um dos problemas da política é a construção de aparelhos que tendem – antes de tudo – a reproduzir a si mesmos.

A agressão de um grupo organizado ao bloco de bandeiras do Partido Socialista de los Trabajadores Unificado (PSTU), do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na marcha da quinta feira, 20 de junho, quebrou as ilusões de que a crise seria somente do PT e assustou todo o mundo. Contudo, nesse episódio lamentável encontramos, mais uma vez, o funcionamento perverso da lógica da representação. Os grupos agressores eram claramente organizados e tinham esses objetivos tão claramente quanto o processo de organização indica as manipulações mais podres. Todas as análises e denúncias que imediatamente foram produzidas identificaram esses grupos (que claramente agiam a mando de algum desenho de provocar essa situação) com a manifestação em geral.

Sem partidos

Na realidade, o apoio genérico dos jovens à palavra de ordem “sem partidos!” não tem nenhuma significação linear e ainda menos “fascista”. Paradoxalmente, a recusa dos partidos, inclusive dos “radicais” e de suas bandeiras, é a recusa – claro, confusa e contraditória – da homologação de direita e esquerda e uma demanda para uma “verdadeira esquerda”. Essa demanda não é idealista e não pode ser travada com linguagens e símbolos obsoletos (as bandeiras vermelhas, por exemplo). Para reerguer as bandeiras vermelhas, é preciso deixá-las em casa por um bom momento! A bandeira vermelha precisa abandonar sua dimensão ideal e transcendente (ou seja, vazia) e voltar a ser interna (imanente) às linguagens das lutas como eles são. Nesse terreno é possível e necessário construir outra representação e, sobretudo, reforçar a democracia.

IHU On-Line – O senhor publicou recentemente no Twitter que “as lutas da multidão em São Paulo e no Rio são o melhor resultado dos governos Lula. Tão bom que ninguém no PT foi capaz de antecipar”. Pode nos explicar essa ideia? Trata-se da falência da política?

Giuseppe Cocco – Começando do final: não estamos diante da “falência da política. Ao contrário, trata-se da persistência da política! Diante de tudo que os partidos de esquerda fazem para fornecer munições ao velho discurso antidemocrático e moralista da elite, esses movimentos mostram que a política está viva, apesar dos Felicianos, dos Aldos, da tecnocracia neodesenvolvimentista e da corrupção! Ser contra o moralismo da direita não significa achar “graça” nos comportamentos imorais da esquerda no poder. Trata-se apenas de não cair nas armadilhas da direita, mas num esforço de conjunção ética dos fins e dos meios.

Esse movimento, qualquer seja seu desfecho, é o movimento da multidão do trabalho metropolitano, o mais puro produto dos 10 anos de governo do PT. Vamos aprofundar e esclarecer essa afirmação em dois momentos. Num primeiro momento, essa afirmação é uma valoração positiva dos governos Lula e Dilma. Uma avaliação positiva não porque tenham sido de “esquerda” ou socialistas, mas porque eles se

deixaram atravessar – sem querer – por uma série de linhas de mudança: políticas de acesso, cotas de cor, políticas sociais, criação de empregos, valorização do salário mínimo, expansão do crédito.

A esquerda radical julgava essas políticas exatamente como agora – ironicamente nesse caso até o PT – julgam a questão das “bandeiras”: idealmente. “Lula está implementando outro modelo, outra sociedade, socialista?” se perguntava e criticava. Ora, ninguém implementa modelo alternativo, mesmo quando se está no governo. Apenas pode ter a sensibilidade de apreender as dinâmicas reais que, na sociedade, poderão amplificar-se e produzir algo novo.

Os governos Lula e Dilma associaram o governo da interdependência na globalização com a produção, tímida e real, de uma nova geração de direitos e de inclusão produtiva. Estatisticamente, isso se traduziu na mobilidade ascendente dos níveis de rendimento de mais de 50 milhões de brasileiros e pela entrada de novas gerações nas escolas técnicas e universidades. Lula não quis saber de bandeiras e até declarou que ele “nunca tinha sido socialista”. Ficou dentro da sociedade indo atrás das linguagens, dos símbolos e das políticas que entendia.

Na virada da década de 2010, esse processo se consolidou em dois fenômenos maiores: o primeiro é eleitoral e tem o nome de “lulismo”, ou seja, a capacidade que Lula tem de ganhar e, sobretudo, fazer ganhar eleições majoritárias: começando pela presidente Dilma e chegando ao prefeito Haddad; o segundo é o regime discursivo da emergência de uma “nova classe média”, com base nos trabalhos do economista Marcelo Neri. Com a crise do capitalismo global (2007-2008) e a chegada de Dilma ao poder, o discurso da “nova classe média” foi além das preocupações do marketing eleitoral, para tornar-se a base social de uma virada que vê, no papel do estado junto das grandes empresas, o alfa e o ômega de um novo modelo desenvolvimentista (neodesenvolvimentista).

Economia

Sociologicamente, o objetivo do neodesenvolvimentismo é transformar os pobres em “classe média”, e para isso é preciso economicamente de um Brasil Maior, capaz de se reindustrializar. O governo Dilma chegou a baixar os juros e multiplicou os subsídios às indústrias produtoras de bens de consumo duráveis, em particular de carros, e à construção civil. O que o movimento afirmou e certificou foi a dimensão ilusória desse suposto modelo (isso não significa que o modelo não será implementado; significa apenas que ele perdeu a patina de consenso que o legitimava e deverá apresentar-se como cada vez mais autoritário). No plano macroeconômico, a inflexão tecnocrática não deu muito certo, pois a tentativa de mexer nos juros resultou na volta da inflação dos preços (que está na base da revolta). A inflação dos juros e aquelas dos preços se reapresentaram como as duas faces de um impasse renovado que só uma mobilização produtiva (da qual não há sinal) pode resolver .

Nova classe média não existe

No plano sociológico, a “nova classe média” não existe, porque o que se constitui é uma nova composição social cujas características técnicas são de trabalhar diretamente nas redes de circulação e serviços da metrópole. A figura econômica (a “média” da faixa de renda) esconde o conteúdo sociológico de uma inclusão produtiva que não passa mais pela prévia implementação na relação salarial. Esse trabalho dos incluídos enquanto excluídos é um trabalho de tipo diferente: ele é precarizado (do ponto de vista da relação de emprego); imaterial (do ponto de vista que depende da recomposição subjetiva e comunicativa do trabalho manual e intelectual) e terciário (do ponto de vista da cadeia produtiva, aquela dos serviços).

A qualidade da inserção produtiva desse trabalho depende diretamente dos direitos prévios aos quais têm acesso e que, ao mesmo tempo, ele produz, como, por exemplo, poder circular pela metrópole. É exatamente essa composição técnica e social do trabalho metropolitano o que constitui a outra face da “nova classe média” oriunda do período Lula. Ao mesmo tempo em que ela foi a base eleitoral das sucessivas derrotas do neoliberalismo, ela é também hoje, na sua recomposição política, a oposição ao neodesenvolvimentismo. Para ela, a questão da mobilidade urbana tem a mesma dimensão que tinha o salário para os operários ao mesmo tempo em que o segmento estratégico é aquele dos serviços.

As cidades e metrópoles brasileiras – e não a reindustrialização – constituem o maior gargalo, ao mesmo tempo social, político e econômico. A ideologia e a coalizão de interesses que estão com a presidente Dilma não mostraram, até agora, a menor capacidade de enxergar esse dado. Mais do que isso, essa nova composição do trabalho imaterial e metropolitano produz, a partir de formas de vida, outras formas de vida. Por isso, o movimento do passe livre, como aquele de Istambul que defendia um parque, foi juntando todos os focos de resistência que existem nas metrópoles, até se espalhar – como está fazendo nesse momento, dramaticamente e assustadoramente – pelas periferias onde nunca teve manifestação de massa nenhuma.

O que esse “levante” da multidão do trabalho imaterial nos mostra é que o “legado” destes últimos dez anos de governo está em disputa, e que o mais interessante é ficar por dentro dessas alternativas, em vez de querer colocar uma ou outra bandeira. A política e os movimentos estão dentro e contra. Por exemplo, pensemos a questão dos megaeventos, das copas e olimpíadas. Muitos dos focos de resistência nas metrópoles são movimentos que criticam os gastos com obras, estádios, favelas que resistem contra as remoções etc. Ao mesmo tempo, a possibilidade de o movimento ter acontecido sem uma repressão brutal, por enquanto, se deve também à Confederation Cup. Mais uma vez, o conflito é dentro e contra.

IHU On-Line – O que é possível vislumbrar para o cenário político a partir das manifestações?

Giuseppe Cocco – Creio que o evento é tão potente e imprevisto que ninguém saberá responder a essa pergunta. Sobretudo neste momento: a cada dia e talvez a cada hora mudam alguns dados fundamentais. O que podemos dizer é que o cenário eleitoral de 2014 até 2018 estava desenhado e as variáveis vislumbradas eram aquelas macroeconômicas. O movimento se convidou para essa discussão. Só que não há ninguém que possa sentar nessa eventual mesa dizendo que o representa.

A terra tremeu e continua tremendo, só que a fumaça levantada não nos deixa ainda ver quais prédios cairão e quais ficarão em pé. Nesse cenário, podemos fazer duas conjecturas.

Numa primeira, a presidente Dilma pode abrir pela esquerda, por exemplo, com uma reforma ministerial que colocaria pessoas qualificadas e altamente progressistas em ministérios-chave como a justiça, cidade e transportes, cultura e educação, convocando a sociedade a se constituir – em todos os níveis possíveis – em assembleias participativas para discutir as urgências metropolitanas.

Na segunda (que me parece ser aquela anunciada pelo pronunciamento do dia 21 de junho), ela se limita a reconhecer a existência de outra composição social no movimento e a construção de um grande pacto sobre os serviços públicos, mas não anuncia nada de novo a não ser algumas bandeiras de longo prazo (a destinação de 100% dos royalties do petróleo para a educação) e enfatiza a questão da ordem: repressão dos “violentos” e respeito pelos megaeventos (ou seja, mais repressão). E isso depois dos fatos bem sombrios da quinta-feira (aparição desses grupos pagos para agredir os partidos e, no Rio, repressão generalizada da manifestação perseguido

O cenário que vislumbro é pessimista: parece-me que boa parte dos militantes de esquerda está caindo na armadilha das “bandeiras”, e que isso acabará por realmente entregar o movimento à direita e, por cima, haverá repressão, eventualmente também das opiniões. Nesse cenário muito provável, para salvar a si mesmos e evitar uma renovação geral, as burocracias e outros fisiologismos encastelados nos diferentes governos e coalizões, estão destruindo as possibilidades de uma grande renovação da esquerda e levando todo o mundo de roldão no buraco que será

Tarifa zero e mobilização popular¹

Paulo Arantes

Vou me propor a responder a duas perguntas a respeito do que está acontecendo no país nessas últimas duas semanas. Como disse alguém do mainstream – e portanto suspeito – trata-se da vitória popular mais rápida e expressiva que se viu no país. Como se explica, então, como em uma semana um milhão de pessoas foi às ruas? Esta é a primeira questão. E resposta usual é: “foram as redes sociais que amplificaram um protesto minúsculo, sem elas não seria possível”. Mesmo um ideólogo da teoria da sociedade em rede como Manuel Casstells admite que um manifesto em rede social não leva ninguém à rua. Para ele, seria necessário, antes, que ele encontre um ambiente de insatisfação pública e mobilize imagens e palavras que correspondem a isso. Esta resposta, no entanto, não deixa de ser insatisfatória pois, de início, a insatisfação pública é uma obviedade, não há imagens nem palavras que correspondem a ela. Voltaremos a isso adiante.

A segunda questão diz respeito ao mote dessa enorme mobilização, uma metáfora extraída do hino nacional, “o gigante adormecido em berço esplêndido...”. Trata-se do conhecido lema do grande despertar, que reaparece ciclicamente na história. Pois bem, se “o gigante acordou”, cabe nos perguntar com o que sonhava ele nos vinte anos em que esteve mergulhado em um sono profundo?

A revolução não será tuitada

Para responder à primeira questão, retomo o artigo *Small change: why the revolution will not be tweeted* (A revolução não será tuitada), escrito por Malcom Gladwell, em 2010, dois meses antes da primavera árabe, e muito antes dos indignados espanhóis e assemelhados. Nele, o jornalista conta uma história que recapitula o maior movimento de massas norte americano do século XX: o movimento por Direitos Civis, iniciado pelos negros do sul do país.

Em fevereiro de 1960, numa cidade do interior da Carolina do Norte, quatro estudantes negros resolveram ir a uma lanchonete de uma loja de departamento e se sentar em um local reservado aos brancos – o contexto, claro, é de uma sociedade extremamente segregacionista, para citar apenas uma de suas patologias. Sem serem atendidos, ficam até o fechamento da lanchonete, neste primeiro dia, e voltam logo

1. Este texto fue publicado el 3 de julio de 2013 en www.passapalavra.info . Corresponde a una transcrpción adaptada de la intervención de Paulo Arantes en una clase pública convocada por el Movimiento Passe Livre el 27 de junio de 2013.

cedo no dia seguinte. À medida em que passavam os dias aumentava o número de pessoas, negras e brancas, em torno desse espetáculo cujo desfecho ainda estava indefinido. Por um lado, aumentava a violência e as ameaças de linchamento, por outro, aumentava também o número de comitês e caravanas de negros e apoiadores que chegavam de outras cidades do país. Resultado: em dez dias, foram mobilizadas 30.000 pessoas em uma cidade de 50.000 habitantes. Isto, lembra o jornalista, em uma sociedade em que não havia Facebook, Twitter, emails, nem nada dessa parafernália que supostamente mudará o mundo. Simplesmente a notícia correu!

Analizando o conjunto de casos que compuseram essa febre que contagiou todo o sul dos Estados Unidos, abrangendo diversas estratégias de intervenção política, o jornalista conclui que só o que ele chama de vínculos fortes entre pessoas seria capaz de impulsionar movimentos ativistas de alto risco. E desafiar as leis e costumes segregacionistas do sul dos Estados Unidos envolve altíssimo risco. Muito pior do que cassetete de polícia, a ameaça é de linchamento, e por parte de uma direita organizada e extremamente violenta. A disposição pessoal necessária nesse tipo de ativismo só seria mobilizada com vínculos reais, cara a cara. No caso do movimento negro nos EUA, sustentado pela amizade dos quatro jovens de Greensboro, e de fundo por uma grande coalizão comunitária, organizada principalmente em torno de igrejas e que articulava um projeto estratégico. Ou seja, vínculos que não são, fundamentalmente, aqueles em jogo nas redes sociais.

Outro exemplo ilustrativo, dadas as ressalvas históricas, é o das Brigadas Vermelhas na Itália nos anos 70. O levantamento feito neste caso indica que 70% dos recrutados tinha ao menos um grande amigo já filiado à organização. Do mesmo modo, podemos nos perguntar como ruiu em tão pouco tempo a Alemanha Oriental – e em um contexto em que 87% da população sequer tinha telefone! A mobilização organizava-se em torno de encontros semanais em frente a uma igreja em Leipzig e a lógica era a mesma: diziam, “eu vou porque sei que há um ‘amigo crítico’ meu ali” (amigo crítico era o nome dado a um conhecido que era crítico ao regime). Assim, o que quero dizer é que encontramos, invariavelmente, no ativismo de alto risco um forte traço de camaradagem – e camarada aparece aqui como transposição política da figura do amigo.

Dois limiares

Sobre as “jornadas de junho” brasileiras, pode-se afirmar que tivemos dois limiares transpostos. O primeiro sendo o desta disposição política que parece ter ficado varrida da memória política brasileira nos últimos vinte anos: amigos cimentados numa causa. É possível conceber, no âmago dessas manifestações, a multiplicação de coletivos em que esse vínculo forte para correr riscos reais tenha sido efetivamente mobilizado. Os riscos sendo a hostilidade da opinião pública e os perigos de uma sociedade disposta ao linchamento e ao apoio à repressão, como aconteceu no Pinheirinho e na USP recentemente.

O segundo limiar transposto, diz respeito à ideia de manifestação. Desmontou-se, praticamente, o mito pós-ditadura segundo o qual vivemos em um estado democrático de direito. O dito Estado Democrático de Direito, que traduz-se no Brasil como “estado oligárquico de direito”, vale apenas para cima, pois “para baixo” tem se apenas o direito penal e social. Neste quadro, a política é confinada ao que chamo de “chiqueirinho” do ordenamento jurídico: tolera-se o direito de livre manifestação, desde que dentro dos limites banalizados e rotinizados do local e hora marcados. Isto aconteceu porque os doutrinários da moral e cívica foram obrigados a aceitar a legitimidade das manifestações – entre outros motivos, até para não perder audiência!

Um exemplo clássico disto no Brasil contemporâneo é o MST. É somente essa característica de camaradagem que explica porque ele ainda resiste há 25 anos. O cenário que o MST enfrenta quando reivindica suas pautas é extremamente violento. Se há alto risco em alguma manifestação, é a deles. Não é possível mobilizar frente a jagunços, delegados, ameaça constante de despejo – em especial no caso do MTST – simplesmente com um evento via Facebook – são companheiros de longa data que estão juntos desde os acampamentos na beira de estradas.

O sono do gigante

Quanto à segunda questão, seguramente alguns psicanalistas – sem sequer fazer uma sessão de análise com algum dos milhares de manifestantes – irão logo concluir que país voltou a sonhar. Minha sugestão aqui, para todos esses coletivos mobilizados pesquisarem: com o que sonhava o povo brasileiro nos vinte anos em que esteve mergulhado em um sono profundo? O que passou pela sua mente e espírito, o que estava represado e não se sabia, ou que de repente veio à tona?

Um ponto de partida para essa reflexão é a distinção entre o sonho noturno e o diurno. No noturno, pensamos para trás – no inconsciente não existe tempo, ele é sempre contemporâneo: não existe passado nem presente. É no sonho diurno que pensamos para frente. Esse “sonhar acordado” é chamado na linguagem coloquial brasileira de devaneio. Trata-se do escape ou descolamento ocasional em relação à realidade sem o qual enlouqueceríamos.

É esta, aliás, a própria definição da experiência literária. Uma suspensão do garrote da realidade nos transporta a uma outra esfera em que, por meio das balizas da trama ficcional, a imaginação reorganiza a existência. Após este percurso voltamos revigorados à realidade e com nova imaginação – quem leu Balzac em seu tempo, por exemplo, certamente viu a Paris de 1830, antes da revolução de 1848, com outros olhos. O prazer da literatura é justamente essa nova visão. O devaneio, o sonho acordado, é, assim – que me perdoem os surrealistas – nada menos do que o fundamento de todas as utopias.

A questão central que fica diz respeito à analogia entre esse devaneio coletivo e o vínculo forte do ativismo. E onde mais esse vínculo ativista poderia encontrar os

milhares de adormecidos – hipnotizados, durante os últimos vinte anos, por líderes carismáticos – em sua multiplicidade de devaneios, senão no transporte coletivo? O sonhar acordado, esse breve respiro do inferno da jornada de trabalho, que pode abranger desde o namoro e a amizade às contas e a imaginação de fantásticos mundos imaginários, se dá, tipicamente, no transporte coletivo. Esse devaneio, que acontece em meio às duas horas de ida e duas de volta (para ficar no caso de São Paulo) e prefigura e exponencializa as miseráveis condições de trabalho da metrópole, pode aparecer sob a forma de uma lembrança, um causo, uma piada... às vezes acontece em voz alta e pode até se transformar em conversa. Essa conversa é perfeitamente politizável. O que acontece nesse devaneio, que afinal deflagrou o que vimos, é produto de um sofrimento social profundamente ligado ao mundo do trabalho. Mais do que recuperar palavras de ordem ideológica, categorizando classes e posições políticas, é isto que precisamos decifrar.

Perguntas

Do ponto de vista da organização social, o que se pode aprender com o MPL, antes, depois e durante um ato?

Bom, para responder, vocês me obrigam a refazer a apologia que fiz ao MPL, mas seria isso que disse: o significado de correr riscos altos através de um vínculo que não é o de “rede”, é pessoal. Como organização horizontal, o MPL tem, em relação ao partido, tudo menos o ônus. É semelhante o caso do movimento negro, em que a organização não era mediada por partidos, mas sim em torno de igrejas e comitês estratégicas. Esses dias um jornalista escreveu no Estadão – em tom de brincadeira, mas que mostra como as pessoas “vêem longe” – que para quebrar o movimento bastava colocar alguém do MPL na secretaria dos transportes. Claro, acalmaria os ânimos até as próximas eleições e daí o movimento já estaria extinto. Vejam, o vínculo de amizade é substituído pelo “gestor” o que diminui a disposição de enfrentar riscos e, por sua vez, enfraquece o vínculo. Temos muito a aprender com eles, mas nada a copiar. Assim como o MST, devemos apenas tomá-lo como inspiração.

E sobre as propostas feitas pela presidente este mês de pacto social, plebiscito, e reforma política?

Ouço falar de pacto social desde o fim da ditadura. Mais precisamente, pacto “entre os parceiros sociais”, isto é, entre Estado, população e o patronato. Na Europa sempre é um pacto entre esses três parceiros, por exemplo, e já vimos a meleca que deu. Não só é discurso de gestor, pois parte do princípio de reinserir o patológico no normal, como não faz mais sentido. O pacto está ruindo e a presidente está propondo uma reedição desse mesmo pacto: reinserir todos dentro do estado, os sem terra, o

agronegócio, o violador dos direitos humanos, a defensoria dos direitos humanos etc... Esse pacto explodiu agora, e é preciso reestabelecer o nexo político perdido que, para mim, está no sofrimento social.

Há um grande trabalho de repolitização pela frente. Há um grande despertar e a sociedade acorda explicitamente polarizada, e aparece uma nova direita com a qual não estamos acostumados a lidar. Mas “Pacto”, “reforma política”? Não, desse mato não sai mais absolutamente nenhum coelho. É aspirar a um sistema que ruiu na Europa: ruiu na Espanha, na Itália produziu Berlusconi, está ruindo na França, no mundo árabe nunca teve... Não funciona mais nem para o capital! Temos uma outra sociedade plantada e não sabemos o que fazer.

Bem, vou falar sobre o meu devaneio – de gabinete, vale dizer. Imaginem uma cidade de 50 mil habitantes, uma cidade pequena. 30 mil saem às ruas, entram na prefeitura e tiram de lá o prefeito e os vereadores a pontapés. Começam a pôr ordem na casa: poder popular. Ou seja, outra reformulação de organização da vida. Se em 15 dias você tem 5 comunas, dali mais alguns já são 100: aí começa a ter uma outra conversa política, poder popular urbano. Isso é um devaneio, obviamente.

Foi só a questão dos transportes que colocou todas essas pessoas nas ruas?

Olha, é o abc materialista (me desculpem, sou da velha guarda): a centralidade do transporte afeta a circulação, ponto. Afeta a força de trabalho se deslocando ao local em que será explorada. Agora, é a primeira vez desde o fim da ditadura em que estradas são bloqueadas sem nenhuma repressão policial. Eu ficaria com a pulga atrás da orelha – olha, será que está sendo consentido? Bloquear estradas em um momento de colapso de infra-estrutura, com a safra bloqueada nos portos superlotados é coisa da maior gravidade, prestem atenção. Basta lembrar do caso da França há 3 anos atrás, bloqueio de refinarias de petróleo, ou dos piqueteiros argentinos há 15 anos, para pensar a repercussão.

Mas não tenho conselho estratégico, nem é esse meu papel. Não posso incitar nada nesse momento em que sabemos o que é a polícia militar, o que significa a administração armada da vida social... Essa democracia da chacina não é feita à revelia da sociedade, mas com seu consentimento. A sociedade é um horror, ela está despertando, mas não sabemos os fantasmas que foram cultivados ao longo desses vinte anos. Podem aparecer coisas horrorosas, como pode aparecer também uma chama libertária, que eu confio que apareça.

O MPL e as 'manifestações de junho' no Brasil¹

Adriana Saraiva

Em seus nove anos de existência, o Movimento Passe Livre (MPL), não havia encarado, de uma só vez, tantos holofotes, assédio e atenções por tal intervalo de tempo. Não que não tenha vivenciado cenas de tumulto, repressão policial e assédio da mídia antes. Mas, geralmente, isso aconteceu em nível local, com um alcance bem mais limitado e sem envolver uma tal magnitude de multidões. Exemplos disso foram a atuação do movimento em Florianópolis, em 2004 e 2005; em Brasília, em 2005/2006; e, mesmo em São Paulo, em vários anos, incluindo 2011/2012, só para citar uns poucos exemplos. No último mês, entretanto, o movimento, bem como as manifestações que assolaram o país de norte ao sul – dois fenômenos distintos, porém intimamente interligados entre si – passaram a ocupar o cerne das atenções de intelectuais, políticos, ativistas, mídia e da sociedade em geral.

Diante de tantos comentários, elaborações e teorizações, que tem contribuído para uma melhor compreensão do fenômeno que vivemos, gostaria de acrescentar o ponto de vista de quem realizou uma etnografia sobre o movimento em questão, que embasou a elaboração de uma tese de doutorado, defendida em 2010. Espero, com esse olhar mais próximo, contribuir para o debate.

Como já vem sendo falado à exaustão, o MPL é um movimento social autônomo, integrado principalmente por jovens, que luta pela reestruturação dos transportes públicos urbanos e pelo direito à cidade. Apresenta também características bastante inovadoras frente ao cenário político local e nacional. A partir da luta pelo passe livre estudantil e melhoria das condições dos transportes, o movimento elaborou sofisticadas noções de mobilidade urbana, segregação espacial e segregação racial, que compõem sua visão de direito à cidade. Em sua perspectiva, a cidade não se constitui apenas de serviços. A mobilidade, a partir dessa visão, refere-se também a qualquer deslocamento cujo objetivo seja afetivo, lúdico, de puro lazer. É, além disso, meio de acesso a direitos já consagrados como 'do cidadão' (saúde, educação, etc.). Assim, nas metrópoles contemporâneas, o transporte adquire uma centralidade que o leva à condição de meio de acesso ao direito à cidade. Na abordagem construída pelo movimento, o transporte não é independente: influencia e é influenciado por interesses e necessidades de muitas ordens. Visto sob esse ângulo, o transporte urbano brasileiro, além de central para o funcionamento da cidade, devido a todas as deficiências que

1. Este texto fue publicado el 24 de junio de julio de 2013 en www.uninomade.net

apresenta, também promove a imobilidade urbana e cerceia o direito individual e coletivo à cidade, num processo de acúmulo de opressões como as de classe, raça, gênero e sexualidade, entre outras. Ou seja, na medida em que características como ser pobre, preto, mulher e homossexual são acumuladas, de mesma forma, são crescentemente cerceados os direitos de ir e vir dessas pessoas nas cidades brasileiras.

Para melhor compreender a gênese do MPL é bom reportar à geração dos vastos movimentos denominados 'Antiglobalização' ou 'alter-globalização', que se organizaram em vários lugares e assomaram de forma massiva às ruas de inúmeras cidades no mundo, entre 1999 e 2002. Esses movimentos globais, cujas origens remontam a diversas ações/movimentos, promovidos em diversos países, ao longo de algumas décadas, vieram a se articular, em 1997, a partir da rede "Ação Global dos Povos", contra o livre comércio, e organizaram grandes eventos planetários. Grande parte dos grupos que integravam essa rede (os que não eram ONG ou sindicatos) se caracterizavam por uma deliberada fluidez estrutural e pautavam-se por princípios de horizontalidade e não liderança. A partir da queda das torres gêmeas em New York, em 2001, a violenta repressão ao movimento pelas forças policiais passou a ser 'justificada' pelos governantes. Diante desse cenário de crescente e desmedida violência, os ativistas anti-alter-globalização foram desativando paulatinamente os grandes eventos e lançaram-se à tarefa de reorganizar movimentos de base local em seus países de origem.

A constituição do MPL se dá, portanto, nesse contexto, pós-auge do movimento antiglobalização. Teve como inspiração inicial as grandes manifestações espontâneas ocorridas em 2003, na cidade de Salvador (a "revolta do Buzú") e o movimento surgido em Florianópolis, entre 2004 e 2005, a partir da "campanha pelo passe livre estudantil". Na capital catarinense, os ativistas, desvinculando-se de suas articulações partidárias anteriores, promoveram amplas manifestações de rua em protesto contra o aumento das passagens do transporte coletivo local. Em 2005, nas "franjas" do Fórum Mundial Social, em Porto Alegre, os coletivos de diversas cidades, reunidos, decidiram pela formação do Movimento Passe Livre, nos moldes de um movimento social.

Embora seja inegável que o MPL é, essencialmente, integrado por jovens, seus ativistas não optaram por defini-lo como movimento estudantil. Essa escolha diz respeito ao fato de que os objetivos de luta do movimento vão além do atendimento às necessidades meramente estudantis – o que a proposta de direito à cidade elaborada pelo grupo traduz muito bem. Além disso, expressa a resistência aberta e ostensiva ao modelo de movimento estudantil tal qual este se configura atualmente – hierarquizado e com fortes vinculações partidárias. Da mesma forma, os ativistas optaram pelo apartidarismo, como meio de se desvincular dos jogos partidários com foco no poder estatal e para traduzir seu apreço e opção pelas estruturas horizontais de organização. A clivagem preponderante no MPL é, portanto, a que divide aqueles que trabalham em rede, daqueles que atuam sob a lógica do comando.

Os ativistas do MPL costumam, em geral, classificar os atores sociais – compreendidos por setores da esquerda – com quem contracenam (e, eventualmente, estabelecem parcerias no cenário político), em dois grupos distintos: aqueles que pertencem à ‘esquerda institucional’ e os que se vinculam à uma ‘esquerda social’. No primeiro caso estão incluídos partidos políticos de esquerda, alguns sindicatos, ONGs, centrais e entidades representativas de estudantes (como União Nacional dos Estudantes -UNE, Diretórios Centrais de Estudantes – DCEs). São setores vinculados a uma institucionalidade e trabalham com foco no estado. A relação aqui costuma ser marcada por variados contrastes e conflitos. Uma das principais críticas realizadas pelos ativistas do movimento atém-se ao fato de que essas organizações, com atuação marcadamente auto-referenciada, usam pessoas e situações como ‘massa de manobra’ para atingir seus próprios fins. Além disso, são organizações hierarquizadas e com uma leitura ortodoxa e teleológica das classes sociais, com foco predominante em um único sujeito revolucionário – a classe operária – sem compreender a multiplicidade de sujeitos e de lutas dentro da própria classe. Já na esquerda social estariam os movimentos sociais que, apesar de muitas vezes se estruturarem sobre princípios hierarquizantes – o que também dá margem a conflitos e discrepâncias – mantêm uma relação diferenciada com as estruturas estatais, e têm em comum com o MPL o fato de atuarem na lógica dos movimentos sociais.

Os ativistas do MPL compartilham de princípios – adotados, em geral, por movimentos autônomos – considerados essenciais à caracterização de sua identidade como movimento social. Tais princípios revelam a influência de concepções autonomistas, anarquistas, zapatistas e alter-mundistas, mescladas a uma desilusão no que toca ao funcionamento de partidos e instituições políticas em geral. Os princípios que norteiam a atuação do movimento podem ser agrupados em três eixos: i) o primeiro diz respeito, essencialmente, à relação travada com os atores/coletivos externos, com os quais o movimento se relaciona. São eles: autonomia, apartidarismo e federalismo; ii) o segundo expressa as relações estabelecidas entre os ativistas no bojo do movimento: horizontalidade, não liderança e decisão por consenso; iii) o terceiro, aponta para características gerais do movimento, tais como: anticapitalismo, prefigurativismo e não hierarquização das lutas.

De forma sintética, pode-se afirmar que os três primeiros princípios asseguram ao movimento a tão prezada independência ou autonomia. São esses princípios os responsáveis por algumas variações na conformação dos coletivos espalhados pelo país, embora estejam conectados pela noção de federalismo, que, no caso, supõe que os mesmos atendam aos princípios do movimento. Uma relação mais próxima com partidos políticos no interior dos coletivos pode ser um exemplo dessa autonomia de ação.

A horizontalidade, não liderança e decisão por consenso são, por sua vez, os princípios que mais despertam estranheza, incredulidade ou ceticismo. Provavelmente, por confrontarem valores de uma sociedade para a qual a exaltação dos egos e o

personalismo são essenciais ao seu funcionamento, em especial, às suas instituições políticas. Esses princípios transfiguram-se em mecanismos que orientam a relação entre os ativistas, induzindo-os a praticarem um padrão de desconcentração e fluidez do poder. Vale notar que quando postulam tais princípios, os ativistas do MPL não negam a existência do poder, mas, ao contrário, ressaltam a necessidade de sua diluição e a permanente alternância de posições nas relações entre as pessoas. A não identificação de 'lideranças' provoca maior desconcerto na relação com políticos, mídia ou mesmo a polícia, em momentos cruciais como a realização de negociações, entrevistas ou mesmo prisão dos que seriam os 'cabeças do movimento'. Esses princípios são essenciais na atuação do MPL e se constituem em alvos da constante reflexão e vigilância do grupo.

O anticapitalismo, por sua vez, inscreve o movimento numa perspectiva radical de luta e é traduzido por seu projeto de desmercantilização dos transportes, considerando o seu papel de bem e direito público essencial, e não de mercadoria. A proposta de criar conselhos comunitários para gerir os transportes em cada cidade também aporta às bandeiras do movimento uma perspectiva de autogestão no direito à cidade. Esse princípio também dimensionaria uma diferença fundamental entre o MPL e outros movimentos considerados de cunho exclusivamente expressivo/identitário, uma vez que contempla o desejo de transformação das estruturas socio-econômicas que seus membros compartilham, situando-o em uma perspectiva de luta de classes. Já o prefigurativismo, é um conceito de origem anarquista, muito utilizado pelo Feminismo e Zapatismo – que anula a distância entre meios e fins, criando a noção de revolução como processo cotidiano, sendo mais um elemento essencial na diferenciação da atuação do movimento em relação aos partidos políticos. Por fim, o princípio da não hierarquização das lutas, que se configurou como uma conquista dos movimentos e teorias feministas e de negros, a partir dos anos 70, atribuindo a todas as lutas (de gênero, raça, sexualidade, classe social, meio ambiente, especismo², etc.) o mesmo patamar de importância. Bem ao contrário da perspectiva marxista, ou mesmo a de alguns anarquistas clássicos no Brasil, que subalternizam as demais lutas à questão de classe. Essa perspectiva tem fundamental importância nos desdobramentos das lutas dos movimentos sociais contemporâneos.

Finalmente, vale ainda frisar que o MPL adota uma perspectiva construída a partir de uma linhagem política libertária, que bebe no anarquismo do século XIX, no marxismo heterodoxo do início do século XX, nos movimentos contraculturais dos anos 1960; nos movimentos 'autonomia' dos anos 1970 e 80, na Itália e Alemanha (surgidos a partir do movimento estudantil radical e apartidário, também denominado extraparlamentar, na tradição alemã); bem como no Zapatismo e nos movimentos anti-alter-globalização, já mencionados aqui. Vale ainda lembrar o ciclo de lutas latinoamericanas, tais como o panelaço argentino, a guerra do gás boliviana, Oaxaca e a rebelião dos pinguins, no Chile, todas referências determinantes para o movimento. Tudo isso promove uma razoável diversidade ideológica de esquerda no seio do movimento.

Com tais características contemporâneas, o MPL se insere na tradição dos movimentos sociais que lutam por bens da modernidade (transporte), o que muitos também poderão taxar como 'demanda pontual'. Foi possível, no entanto, observar em minha etnografia com o coletivo brasiliense, que o movimento tem sabido se recolocar no cenário, aprofundando suas perspectivas de lutas (como no caso da passagem da demanda pelo passe livre estudantil para a Tarifa Zero e sua elaboração do direito à cidade), mesmo após ter suas bandeiras atendidas. Além disso, os ativistas costumam atuar também em variadas frentes de lutas locais, levando ao que chamei de multimilitância. Essa característica conduz a uma configuração das lutas autonomistas que ultrapassa a usual noção de fragmentação das lutas contemporâneas, bem como a de "uta por questões pontuais", concedendo aos movimentos autônomos agilidade, transversalidade e amplitude de ação.

O MPL também se insere no rol de movimentos que faz intenso uso das tecnologias de comunicação e, de certa forma, se estruturam com uma fluidez, que a rede inspira e permite. O facebook, o e-mail, as mensagens e comunicações por celular, etc., são fundamentais para sua organização, contribuindo, inclusive, para a almejada desconcentração de poder, por meio da agilidade na distribuição de informações e tarefas pelo grupo. Aqui, entretanto, vale ressaltar a opção do movimento por meios virtuais anticapitalistas de software livre como o Riseup, o que demonstra sua postura crítica em relação ao domínio de corporações como Google ou Facebook, que utilizam as informações para fins comerciais ou de monitoramento.

Não foi por acaso, portanto, que as convocações dos atos do movimento se fizeram também a partir desses veículos. Erra, entretanto, quem considera que a atuação do movimento se resume ao seu aspecto virtual. Em seus quase dez anos de existência, o MPL vem desenvolvendo, as vezes de forma intermitente, trabalhos com alunos do ensino médio e em comunidades da chamada 'periferia'. É também praxe no movimento lutar contra o aumento das tarifas, já que estas dificultam ainda mais o acesso à cidade. No caso de São Paulo, a campanha contra o aumento vinha se desenvolvendo em movimento ascendente de participação, desde 2011, mesmo não tendo obtido êxito concreto até então. Além disso, o movimento executou um planejamento detalhado de ação que incluiu, já no início de 2013, a atuação nas escolas paulistanas, promovendo um processo de crescente de mobilização.

Feitas essas considerações, é interessante nos voltarmos para algumas das observações e teorizações que vem sendo tecidas em torno do movimento e dos protestos nacionais, no que já se chama de 'manifestações de junho' brasileiras. Como observei inicialmente, considero que as manifestações convocadas pelo MPL e os protestos massivos que se seguiram, especialmente após o acirramento da repressão policial em São Paulo, são dois fenômenos distintos, porém intimamente interligados. O movimento que assomou às ruas com o MPL focou em questão central que afeta o âmago da vida urbana e que, historicamente, tem provocado amplos e ruidosos protestos no país: o aumento da tarifa do (péssimo) transporte coletivo.

Essas manifestações iniciais dizem respeito a um movimento que tem se organizado na capital paulista nos últimos nove anos, que atua por meio de ação direta e trata de uma reivindicação com claros contornos de classe e além de estudantes em geral, usuários habituais do transporte público no Brasil. A partir da resposta truculenta da polícia militar, a indignação provocada diante do fato, somada às inúmeras insatisfações represadas (quanto aos serviços públicos, em geral; à corrupção, etc.) pela crescente dissociação verificada entre o sistema político e a sociedade, produziram-se as imensas manifestações que surpreenderam o país e o mundo.

As massivas (e para muitos, assustadoras) ‘manifestações de junho’ no Brasil, por sua vez, guardam, em meu entender, uma correlação com o mesmo fenômeno que vem acontecendo nas ruas de diversas cidades do planeta. Concordo com Bruno Cava e outros pensadores, quando remetem ao ciclo global disparado pelas revoluções árabes de 2011, que incluem movimentos como os Indignados, na Espanha; Occupy, nos Estados Unidos; a revolta da praça Taksim, na Turquia, entre outros. Embora compartilhem várias afinidades, esses movimentos também apresentam características específicas locais e, no caso brasileiro, não se pode esquecer a tremenda disputa realizada por setores conservadores, que a mídia corporativa nacional representa e vocaliza. Após a tentativa malograda de destruição do movimento por difamação (inicialmente ignorando, em seguida acusando de vandalismo, baderne ou arruaça), a mídia brasileira, capitaneada pela Rede Globo, passou a disputar as grandes manifestações, convocando a sociedade às ruas, criando (ou reforçando) demandas próprias (anti-corrupção, por educação e saúde, “não é por 20 centavos”...) e induzindo à criminalização do movimento original, ao fazer confluir o conceito de vandalismo sobre o de radicalidade, comum aos movimentos que atuam por meio de ações diretas. Da mesma forma, foi possível constatar o assombro – ou quase-pavor – da esquerda institucional diante da multidão ‘sem líderes e sem partido’. Inúmeros foram os boatos de golpe e acusações de tomada fascista das ruas, que o tempo revelou infundados. Embora as ruas tenham mostrado, de fato, toda a diversidade (a)política da população, que incluíram alguns segmentos nazi organizados, os mesmos não foram tão significativos quanto se quis fazer crer, e, ao contrário, apontaram para uma espécie de ‘paranoia de esquerda’ (institucional), que parece não acreditar que a sociedade pode agir sem a segura tutela da ‘vanguarda’.

Dentre os vários pontos em comum que envolvem as manifestações no planeta, é preciso destacar o importante papel desempenhado pelas novas tecnologias como fator de comunicação/ mobilização ou de ‘auto-comunicação de massas’. Castells sugere que essas tecnologias proveriam a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, individual ou coletivo, bem como das instituições da própria sociedade. Além disso, há o ponto em comum da luta pelo direito à cidade, em seus diversos campos, uma vez que é na cidade, como lembra Harvey, que se dão as lutas de classes e do capital da contemporaneidade. É também nas cidades que se apresenta a nova conformação do trabalho, conforme Giuseppe Cocco, envolvendo aspectos

como etnia, raça, gênero e classes, e que se expressa como multidão organizada sob diferentes aspectos, ao invés de dar lugar às massas amorfas e oprimidas.

A essa altura, valeria ainda perguntar: porque foram as manifestações focadas no transporte, convocadas pelo MPL, que deflagraram o processo em curso? A questão do transporte, como elemento central da vida urbana e suas conotações de classe, já foi examinada aqui à exaustão e constitui um dos vetores explicativos. Outro vetor diz respeito à gama de insatisfações represadas há já um longo período de tempo pela sociedade brasileira e o sentimento de não representação em relação a seus governantes e representantes (especialmente estimulado pelos meios de comunicação, em sua segunda fase de relação com o movimento). Por outro lado, é preciso notar, como chamam a atenção o Sub-comandante Marcos (Zapatistas) ou o historiador americano Howard Zinn, que, mesmo em períodos de aparente tranquilidade, pequenas células de movimentos sociais ou indivíduos agitam-se, em uma atividade quase subterrânea, na sociedade. Essas atividades, em escala pouco percebida pelos poderes constituídos, porque não realizadas por meio das estruturas habituais de poder (partidos políticos, sindicatos, instituições públicas, etc.), geram um ambiente favorável à eclosão de grandes e, aparentemente, surpreendentes movimentos, quando surgem oportunidades concretas.

Por fim, no meu ponto de vista, não foi por acaso que os atos convocados pelo MPL e as massivas manifestações subsequentes ocorreram, se retroalimentaram e explodiram conjuntamente nas ruas do país. Isso ocorreu justamente por ser o MPL um movimento urbano, que critica e se diferencia das práticas partidárias, que atua por meio de ações diretas e se pauta por princípios de horizontalidade e não liderança, um conjunto de características que encontram muita ressonância na sociedade contemporânea. Vale acrescentar ainda que o fato de um movimento organizado como o MPL ter atuado antes, durante e depois das 'erupções de junho', antecedendo, assim, o 'elemento espontâneo' das manifestações, foi o que fez emergir do processo a causa dos transportes coletivos, a queda do aumento das tarifas e o MPL como movimento central e mobilizador, equiparável apenas, em sua amplitude de atuação, ao Comitê Popular contra a Copa, em alguns momentos e lugares. Talvez, justamente pelo fato de as manifestações brasileiras terem contado com o diferencial da atuação organizada do MPL, em relação às mobilizações ocorridas em outras partes do mundo (que tem também suas peculiaridades), que as mesmas resistiram ao esquecimento/omissão (da mídia), à direita, à despolitização e à repressão, vindo a obter conquistas concretas.

Finalmente, é importante observar que, se de um lado, as manifestações de junho mostraram uma nova cara do Brasil contemporâneo – enchendo de esperança grande parte da população que deseja mudanças em diversas áreas, mas não via, até então, horizontes para isso – e alçaram o MPL, seu estilo de luta e suas bandeiras a uma posição de extraordinária evidência – o que pode ser o sonho de todo movimento social – também apontam para novos e imprevistos desafios. Do ponto de vista da sociedade, para a forma como se conseguirá articular e canalizar sua sede de participação

e transformações de um modo mais perene, construtivo e inclusivo. Do lado do MPL, como o movimento resistirá ao tremendo assédio da mídia, dos partidos, dos políticos, de novos e eventuais participantes e de outras forças mais obscuras, preservando suas características genuínas, sua capacidade auto-reflexiva e seu potencial de luta, que se mostraram tão efetivos e inovadores no cenário nacional.

O Despertar do Gigante – Uma visão por dentro dos protestos brasileiros

Camila Souza Betoni

Em Junho desse ano os olhos de todo o mundo se voltaram ao Brasil. O cenário eram as ruas das grandes cidades e o personagem principal era o povo, encenando uma grande revolta. A série noticiada de protestos começou com a luta contra o aumento das tarifas de transporte coletivo em São Paulo, maior cidade do país. Após duros episódios de violência policial o movimento se alastrou por todo o Brasil e foi ganhando um corpo heterogêneo que expressava pautas de reivindicação difusas. Os comentários internacionais mais progressistas se animavam ao dizer que finalmente o Brasil, país de um povo tão pacífico, finalmente havia entrado na onda dos protestos mundiais. Daqui do lado de dentro, por todos os lados ecoava um recado: “o gigante acordou!”. A produção intelectual just-in-time correu para entender o fenômeno e explicar os gritos das juventudes que ocupavam as ruas, tomando conclusões instantâneas e ignorando a produção acadêmica que já havia sido elaborada quando o tema ainda não era a bola da vez. A cultura de elaboração do pensamento sob o capitalismo flexível clama pelas novidades, pelas rupturas e pelo novo (Harvey, 1992). As mobilizações aparecem como uma explosão espontânea, fruto de um papel central jogado pelas redes sociais. A partir de um breve relato, buscarei fazer uma retrospectiva dos últimos dias, tentando inscrevê-los em um gesto mais amplo para que a análise não caia em uma amnésia relativa a história do tempo presente. O depoimento se centrará na experiência local da cidade de Florianópolis, bem ao sul do sul.

Início incendiário

No início de Junho o Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL) anunciou que sairia às ruas e faria uma das maiores cidades do mundo parar caso o seu prefeito (Fernando Haddad, Partido dos Trabalhadores -PT) não voltasse imediatamente atrás na sua decisão de permitir um aumento de 20 centavos nas tarifas do transporte coletivo. Promessa feita, promessa cumprida. A partir do dia 06 o movimento passou a trancar as principais vias das cidades ganhando maior adesão a cada nova passeata. Até o dia 14 os meios de comunicação seguiam atuando como de praxe, taxando os manifestantes de “baderneiros”, desqualificando ou ignorando os protestos e incentivando que a repressão do Estado – que nesse momento já era brutal para os termos oficiais

da democracia – se intensificasse para garantir o funcionamento “normal” da metrópole. Porém, os eventos de rua do dia 14 forçaram uma mudança de estratégia que provocaria também um novo cenário nacional. Nesse dia, a atuação policial contra a manifestação pacífica do MPL incluiu a detenção arbitrária de dezenas de pessoas, bem como o uso descriminado de bombas de gás lacrimogênio, sprays de pimenta e balas de borracha. A ofensiva da polícia feriu gravemente também alguns jornalistas e foi amplamente denunciada nas redes sociais, o que parece ter colaborado com duas novas movimentações: 1) O aumento da solidariedade ao movimento e a maior adesão de indivíduos que, até então, não participavam dos protestos, tendo como consequência a ocupação de vias por dezenas de milhares de pessoas nas semanas seguintes; 2) Uma mudança radical na abordagem midiática sobre os fatos.

A mudança da abordagem da grande mídia – marcada no Brasil pela concentração monopolista - foi bastante brusca e poderia ser ilustrada aqui por inúmeros casos icônicos de jornalistas, comentaristas e linhas editoriais inteiras que, literalmente do dia para a noite, resolveram mudar de opinião e começaram a exaltar a grandiosidade dos atos de rua. Se antes as manifestações, quando não ignoradas, eram representadas como atos agressivos, infantis e antidemocráticos que deveriam ser imediatamente combativos pelos aparatos do Estado, agora elas apareciam não só como o exercício de um direito legítimo, mas também como um dever cívico que deveria ser adotado e apoiado por todo cidadão brasileiro. Os setores mais conservadores da sociedade passavam a apoiar e incentivar as passeatas, que a essa altura começaram a eclodir em praticamente todos os centros urbanos do país. As manifestações foram se espalhando ao mesmo tempo em que ampliavam suas pautas de reivindicação, tomando um contorno cada vez mais difuso. Carregando bandeiras do Brasil e cantando nosso hino nacional, jovens ocupavam as ruas, com amplo apoio da mídia, para pedir “um país melhor”. Se você não pode combater seu inimigo, o melhor é juntar-se a ele.

Benditos 20 centavos

Após o cenário de guerra instaurando no dia 14, quando os jovens de outros tempos puderam relembrar os cruéis anos da ditadura civil-militar, os inconformados passaram a afirmar que a mobilizações já não era mais só por 20 centavos, mas também pelo seu próprio direito de manifestação. De forma muito perspicaz, os meios de comunicação, orquestrados por interesses historicamente localizados no campo da direita (Fausto, 1994), adotaram uma nova estratégia: apoiar os movimentos e inserir a sua agenda política dentro deles. Durante as duas semanas que se seguiram não se falava em outra coisa na TV. A Rede Globo – antiga apoiadora da ditadura e aliada a oposição do governo – chegou a interromper suas novelas de maior audiência para transmitir ao vivo as manifestações. Choviam elogios e incentivos para que todos fossem as ruas apoiar um grande movimento que já não era pelos 20 centavos e tampouco se restringia a questão dos transportes, as manifestações eram contra o

governo federal, contra a corrupção e contra a ineficiência estatal na gestão dos serviços públicos. Ao mesmo tempo começava a Copa das Confederações, uma espécie de prévia da Copa do Mundo, que não teve muito espaço nos noticiários – uma situação bastante inusitada no país do futebol. Em cada cidade que a seleção brasileira disputava uma partida, um campo de batalha se armava no entorno dos estádios e o cheiro de gás lacrimogênio podia ser sentido pelos jogadores do lado de dentro. Tais manifestações vinham sendo planejadas há bastante tempo pelos movimentos populares (principalmente os ligados a moradia) que reuniam as comunidades que foram atingidas diretamente pelas obras de preparação para os megaeventos que o Brasil irá sediar nos próximos três anos. No entanto, a cobertura da mídia enfatizava que as reclamações eram contra o gasto do governo federal nesses eventos – e não contra toda uma série de crimes e despejos realizados com o único fim de garantir o capital privado envolvido na realização de tais festejos.

Em Florianópolis, o MPL local havia agendado uma manifestação para o dia 20 de Junho. Porém, diante da total euforia nacional, uma manifestação foi agendada via Facebook para o dia 18 sem uma pauta definida. A descrição do evento convocava as pessoas a tomarem as ruas “contra tudo”. Atendendo aos chamados e diretamente mobilizados pelo contexto nacional, milhares de pessoas ocuparam a cidade carregando bandeiras do Brasil e cantando o hino nacional, sem entoar, no entanto, qualquer grito que se colocasse em oposição a alguma pauta definida. A ação policial era praticamente nula, permitindo que os manifestantes ocupassem vias que em todos os anos anteriores foram absolutamente proibidas aos movimentos sociais. Em sua cobertura, a mídia continuava a apoiar o movimento, mas incentivando sempre a reprovação coletiva em relação a dois elementos específicos: a radicalização através da ação direta e a presença de partidos políticos dentro dos protestos. A condenação direta dos sujeitos que praticavam atos “violentos” contra grandes lojas e agências bancárias procurou separar os manifestantes “legítimos” daqueles que seriam sujeitos inconscientes e infiltrados no movimento. O apartidarismo, estratégia que há muitos anos tem sido defendida pelos movimentos juvenis autônomos no Brasil e no mundo (Liberato, 2006), transfigurou-se aqui em um antipartidarismo de cunho fascista. Enquanto alguns quadros de partidos conservadores (sem identificação visual) atuavam puxando assembleias e dando ordens, militantes de partidos de esquerda carregando bandeiras e adesivos sofreram agressões durante os protestos. Em algumas cidades, militantes de movimentos pela reforma agrária e pela demarcação de terras indígenas foram hostilizados durante a marcha por pessoas que estenderam o rechaço aos partidos para o próprio âmbito da esquerda como um todo. Em São Paulo, o prefeito resolveu revogar a decisão do aumento e o MPL da metrópole, junto com outros setores da esquerda, deslocou suas mobilizações para as periferias urbanas. No centro o movimento difuso contava com a presença – não tão grande mas suficientemente agressiva – de neonazistas patriotas que também saíram de casa para lutar por “um Brasil melhor” e “contra a corrupção”, promovendo uma caça as bandeiras vermelhas como um todo.

Após a manifestação do dia 18 diferentes setores jovens da esquerda de Florianópolis fizeram uma análise de que havia uma disputa política no país em torno do espírito das marchas nas ruas. A direita, através das mídias tradicionais e também das redes sociais, seguia incentivando a devesa de suas pautas anti-governistas e mobilizava um clima federal de impeachment, que certamente será capitalizados nas campanhas eleitorais de 2014. Quando as pautas construídas historicamente pela esquerda emergiam – tal como a questão da desprivatização do transporte urbano – a estratégia era dizer que aquilo era muito restrito e logo jogar as pautas para uma atmosfera bastante vaga, que por sua amplitude vazia não oferecia nenhuma possibilidade concreta que questionasse o estado das coisas tal como estão dadas na ordem do capital. Para o dia 20, a esquerda se manteve unificada em torno da questão do transporte em um bloco dentro da manifestação, que embalada pelos ânimos do contexto nacional contou com a participação de cerca de 60 mil pessoas, o maior protesto da história na cidade. Fora desse bloco, que caminhava a frente da passeata, se seguia uma multidão silenciosa, que não parecia partilhar, naquele momento, de quaisquer objetivos conjuntos, mas que de alguma forma se sentia bem em participar daquele chamado.

Fora do Olho do Furacão e dentro do coração dele

Ainda estamos inseridos profundamente no contexto deste turbilhão de acontecimentos que certamente marcarão a história política do país. Porém, aparentemente o cume explosivo das movimentações de rua já passou, restando agora analisar as continuidades do processo político e os saldos relativos a essas agitações. A proximidade temporal torna arriscada e temporária a tentativa de construir análises teóricas sérias sobre o momento. Podemos, no entanto, avançar no sentido de reaver alguns caminhos que nos levaram a esse contexto, buscando desnaturalizar a interpretação que vê tudo euforicamente como um processo de espontaneidade.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que a erupção das mobilizações nos grandes centros urbanos, ligadas a questão da mobilidade, não pode ser vista nem como novidade, nem como mero acaso. Vivemos um cenário de crise urbana no Brasil, marcado por um movimento de expulsão das classes trabalhadoras dos centros das cidades, um crescente processo de especulação imobiliária e a falta de políticas públicas ligadas ao direito a moradia (Gomide, 2003). Hoje 85% da população brasileira vive nos centros urbanos, que concentram em si as conquistas derivadas do próprio curso de desenvolvimento da modernidade, materializadas em hospitais, teatros, escolas, parques, etc. No entanto, há um eminent problema de acesso a esses bens, pois o país cresceu baseado no incentivo a indústria automobilista, prezando pela priorização do uso de automóveis privados nos seus projetos urbanos. Tal planejamento já mostra sinais de saturação há algumas décadas: os engarrafamentos diários e intermináveis, o alto índice de poluição atmosférica e a morte anual de 50 mil pessoas por “acidentes”

de trânsito são alguns indicativos importantes. Por outro lado, o uso do transporte coletivo se apresenta com a única alternativa de deslocamento para as classes menos abastadas, que precisam de seu pleno funcionamento para, no mínimo, realizar a venda de sua força de trabalho diariamente. Insurreições populares ligadas ao péssimo funcionamento desse sistema, combinado com altos valores cobrados pelas empresas responsáveis por sua gestão, fazem parte da própria história do país. A história das revoltas populares frente a questão da mobilidade urbana é paralela a própria história de nossa modernização. Não vamos nos ater a essa questão, mas para questionar a própria ideia de “passividade” de nossa população, citamos aqui três episódios intensos de revoltas provocadas em reação ao aumento no preço de tarifas no transporte coletivo: Revolta do Vintém (Rio de Janeiro, 1879), Greve da Meia Passagem (São Luís, 1979) e a Revolta do Buzú (Salvador, 2003).

Em segundo lugar, o MPL não é fruto de uma insurreição espontânea, mas sim um movimento nacional que deu corpo político a esse reflexão a cerca dos problemas ligados a mobilidade. Com um protagonismo importante de militantes de Florianópolis, o movimento foi fundado em 2005 durante o Fórum Social Mundial. Em nossa cidade vivíamos ainda o processo das chamadas “Revoltas da Catraca” de 2004 e 2005, que levaram milhares de pessoas as ruas e resultaram em duas revogações de aumento na tarifa de transporte com uma experiência rebelde que marcou toda uma geração. Em quase uma década de articulação, o MPL vêm aprofundando suas discussões, argumentos e propostas em torno das questões de mobilidade. De início o movimento lutava pelo Passe Livre estudantil, proposta que visava a gratuidade no transporte para os estudantes. Já a partir de 2007 o grupo passou a defender a tarifa zero, projeto que parte da ideia de que o transporte, como direito transversal que garante o acesso a todos os demais direitos, não deveria mais ser tratado como mercadoria. O projeto do MPL prevê que o usuário não pague diretamente pelo seu direito de ir e vir através da tarifa, mas que o transporte saia do controle privado e passe a ser custeado indiretamente através dos impostos, tal como acontece nos sistemas de saúde e educação. Trata-se, portanto, de uma reivindicação concreta ligada a uma reflexão sobre o direito a cidade e pela democratização real do espaço urbano.

Nessa última década o movimento organizou em todos os anos manifestações de ruas em diferentes cidades, sendo que as maiores foram protagonizadas em momentos em que a passagem sofria reajuste. Mesmo esse ano, antes do início dos protestos em São Paulo, em Goiânia e Porto Alegre os aumentos das tarifas foram revogados devido a pressão exercida nas ruas durante semanas. Fora das ruas, o MPL esteve todos esses anos em escolas, associações de bairros e outros espaços públicos, conversando com as pessoas sobre os problemas ligados ao transporte e discutindo a necessidade da mobilização popular rumo a tarifa zero. Tal colocação nos leva a um terceiro ponto importante. A carta de fundação do movimento o apresenta sob os seguintes princípios de funcionamento: autonomia, independência e horizontalidade.

O MPL está inscrito dentro de uma tendência global que ganhou bastante força no final dos anos 90: a dos movimentos autonomistas. A construção política por fora dos partidos e das instituições tradicionais, a interdependência entre diferentes bandeiras de luta, a recusa ao autoritarismo da velha esquerda e a construção de uma nova cultura política não deveriam ser vistas como novidade no Brasil. No campo da sociologia temos trabalhos relevantes que já indicavam tais práticas, estudos que incluíam inclusive o MPL como sujeito de pesquisa (Liberato, 2006, Tirelli, 2005). Tais estudos a cerca da juventude insurgente já apontavam para o caráter de recusa desses movimentos em relação às instituições políticas tradicionais, bem como a forma caduca de alguns setores de esquerda na sua práxis política. Alguns desses setores – notadamente aqueles que depositaram suas esperanças na ascensão do PT ao poder – se surpreenderam com as mobilizações nas ruas. Como havia a muito abandonado o trabalho de base e as mobilizações de oposição, essas organizações e sindicatos parece que foram os últimos perceber os conflitos ideológicos postos em jogo quando a direita começou a disputar o espaço das ruas.

Uma quarta colocação merece ser pautada em relação ao uso excessivo de violência por parte do aparato policial. Um ano atrás o Conselho de Direitos Humanos da ONU recomendou que a polícia militar brasileira fosse extinta devido ao alto índice de mortes provocadas pelas ações da instituição nos últimos anos. Nossa polícia tem sido responsável pelo genocídio da juventude negra da periferia das grandes cidades (Waiselfisa, 2011). A mesma polícia que atacou os manifestantes nos centros de cidades com balas de borracha é a que dispara balas de estanho contra as favelas. Esse panorama ainda está longe de mudar. Após um suposto arrastão em lojas provocado durante as manifestações no Rio de Janeiro, uma operação policial invadiu a favela da Maré atrás dos saqueadores e matou mais de 10 moradores considerados suspeitos de participação nos saqueios. Temos um problema clássico de classe: as balas de borracha no centro das cidades provocam mais comoção do que os tiros mortais nas periferias.

Por fim, gostaríamos de rebater uma última ideia ligada ao deslumbramento frente as supostas novidades: a de que as redes sociais cumprem um papel determinante nos novos movimentos sociais. Redes sociais corporativas como o Facebook e o Twitter têm se revelado como ótimas plataformas de divulgação, mas espaços inseguros e impotentes para a organização política. Como argumentou Malcolm Gladwell (2010), as redes sociais carecem de certa centralidade e não permitem a articulação de uma mobilização estratégica que se proponha a desafiar grandes estruturas de poder, pois estão baseadas em vínculos fracos e frágeis entre as pessoas. Em Florianópolis, no dia 20, vivenciamos uma situação bastante estranha em que alguns setores de orientação política totalmente antagônica se viam marchando lado a lado em uma manifestação silenciosa. Tais manifestações de pautas difusas, não ligadas a uma causa central ou objetiva, tiveram um ciclo breve: mal havia despertado, o tal gigante já voltou a dormir. No caso da luta do transporte, temos um acúmulo de discussões centralizadas em

torno do projeto da Tarifa Zero que foi construído fora do espaço virtual e que se apresenta em um corpo minimamente coerente, marcado por uma afronta real de desestabilização de certa lógicaposta.

Passado o boom mais intenso de manifestações de rua, seguem em luta aqueles que formam o bloco dos insones, ou seja, aqueles que não estavam dormindo no momento em que o tal gigante havia despertado. Em relação ao MPL, algumas conquistas importantes já foram efetivadas, como a inclusão constitucional do transporte como direito básico (PEC 90), o rebaixamento da tarifa em diversas capitais e, principalmente, a publicização do projeto de desprivatização do transporte, que agora aparece como uma realidade mais próxima. Outras questões foram cedidas pelo governo federal, incluindo as que estavam ligadas a agenda partidária da oposição. Há que se destacar que as ruas foram também marcadas por algumas pautas notadamente localizadas no campo de defesa dos oprimidos, tais como as colocadas pelos movimentos feministas e anti-homofóbicos na luta contra as constantes ameaças de suspensão no estado laico. A defesa da saúde pública bem como a luta por mais recursos na educação também avançaram no processo de insurreição e talvez colham alguns frutos nos próximos meses. Por fim, estavam nas ruas também os movimentos populares que lutam contra os impactos negativos dos megaeventos, as redes que se mobilizam contra a violência nas periferias e o movimento pela moradia. São esses os sujeitos que provavelmente se manterão na luta nos próximos anos. A eles está colocado o desafio de manter o processo de mobilização, disputando e politizando parte daqueles que ocuparam as ruas pela primeira vez e possivelmente tomaram gosto pela coisa. Já as instituições do Estado e o poder público estão vivenciando uma chance ímpar de escutar as demandas que emergem das ruas. A questão é o quão dispostas tais esferas estão para aceitar novos projetos e questionar seu próprio funcionamento interno.

Referencias

- Fausto, Boris (1994). História do Brasil. São Paulo, Edusp.
- Gladwell, Malcolm (2010). A Revolução Não Será Tuitada. Tradução de Paulo Migliacci. Folha de São Paulo, Caderno Ilustríssima, de 12/12/2010.
- Gomide, A. Á (2003). Transporte Urbano e Inclusão Social. Brasília: IPEA.
- Harvey, David (1992). A Condição Pós-Moderna. São Paulo ,Edições Loyola.
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (1997). O Brasil na virada do milênio. Trajetória do crescimento e desafio do desenvolvimento. Brasília, IPEA.
- Liberato, Leo Vinicius Maia (2006). Expressões contemporâneas de rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista. Tese (Doutorado em sociologia política), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Souza, Janice Tirelli de Ponte(2005). Juventude, contestação e a política de pernas para o ar: O Movimento Passe Livre em Florianópolis. Apresentado no XXIV Congresso da ALAS – Associação Latino Americana de Sociologia, Porto Alegre.
- Waiselfisa, J. J (2011). Mapa da Violência 2011: os jovens no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça.

Autores

Adriana Saraiva es brasileña. Es doctora en Ciencias Sociales de la Universidade de Brasília. Defendió en 2010 su tesis doctoral titulada: Movimentos em movimento: uma visão comparativa de dois movimentos sociais juvenis no Brasil e Estados Unidos, en la que incluye una etnografía del Movimiento Passe Livre.

Camila Souza Betoni es brasileña, militante del Movimiento Passe Livre y estudiante de posgrado de Ciencias Políticas de la Universidad Federal de Santa Catarina.

Carlos Walter Porto-Gonçalves es un destacado geógrafo brasileño. Docente en el laboratorio de estudios de movimientos sociales y territorialidades de la Universidad Federal Fluminense. Investigador del CNPq y del Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Forma parte de la asociación de geógrafos brasileños, organización vinculada estrechamente a los movimientos sociales de aquel país, en particular al Movimiento Sin Tierra.

Fernando Luis Monteiro Soares es un periodista brasileño, miembro del Laboratorio de Derechos Humanos de Manguinhos, Rio de Janeiro.

Giuseppe Cocco es italiano, profesor de la Escuela de Servicio Social de la Universidad Federal de Río de Janeiro. Es doctor en historia social de la Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne). Fue militante de la autonomía obrera italiana durante los años setenta, por la que debió exiliarse a Francia. Desde hace quince años vive en Brasil, donde además de su actividad como docente participa en la red de investigación y militancia Universidade Nômade.

Marilena Chauí es una destacada filósofa brasileña. Es profesora titular de Filosofía Política e História da Filosofia Moderna da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mantiene una relación cercana al Partido dos Trabalhadores (PT).

Nilton Viana es periodista y editor de Brasil de Fato. Fue militante estudiantil y sindical. Desde 1995 integra el MST, siendo parte de su colectivo nacional de comunicación, desarrollando tareas como jefe de prensa y editor.

Paulo Arantes es un destacado filósofo brasileño. Se desempeñó como profesor en el Departamento de Filosofía de la Universidad de São Paulo (USP).

> especial brasil



contrapunto

